

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

Larissa de Cássia Hélen Honório

**A INFLUÊNCIA DA CULTURA NA LINGUAGEM: UM ESTUDO NO MUNICÍPIO
DE CAMPESTRE - MG**

Alfenas/MG

2018

Larissa de Cássia Hélen Honório

**A INFLUÊNCIA DA CULTURA NA LINGUAGEM: UM ESTUDO NO MUNICÍPIO
DE CAMPESTRE - MG**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado na Universidade Federal de Alfenas como
requisito para a obtenção do título de Licenciatura em
Letras – Português.

Orientador: Prof. Dr. Celso Ferrarezi Jr

Alfenas/MG

2018

Larissa de Cássia Hélen Honório

**A INFLUÊNCIA DA CULTURA NA LINGUAGEM: UM ESTUDO NO MUNICÍPIO
DE CAMPESTRE - MG**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado na Universidade Federal de Alfenas como
requisito p para a obtenção do título de Licenciatura
Letras - Português

Aprovado em: ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Celso Ferrarezi Jr

Assinatura: _____

UNIFAL-MG

Prof. Dr. Robson Santos Carvalho

Assinatura: _____

UNIFAL-MG

Prof. Dra. Flaviane Faria Carvalho

Assinatura: _____

UNIFAL-MG

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser a essência de todo o conhecimento e por nunca me abandonar.

Ao Prof. Dr. Celso Ferrarezi Jr. por despertar em mim o interesse pelos estudos semânticos da língua e por toda a ajuda, orientação e conhecimento passados.

À Prof. Marilene Alves Campos Lago pela contribuição de material bibliográfico e boa disposição em ajudar.

À dona Ivone pela entrevista concedida e contribuição de sua rica carga cultural.

Ao Sr. José Messias do Lago por me presentear com seu livro, que foi de grande valor para a realização da pesquisa.

Aos meus pais Dárcio Honório e Joana D'arc da Silva Honório por todo amor e apoio dedicados a mim.

À minha irmã Kênia Maria Fernandes Honório pela amizade, companheirismo e socorro nos momentos de crise.

Aos meus queridos tios Maury e Rita e primos Karem, Kelen e Bruno por sempre acreditarem em mim.

Aos meus irmãos da CEBN por todo suporte e oração.

À minha querida amiga Ana Carolina Ramos Lopes por ter se tornado uma irmã e pela ajuda com a normatização deste trabalho.

Aos meus amigos de faculdade e república, e aos amigos de Campestre por tornarem a minha caminhada mais leve.

À minha avó, Benedicta Anatividade da Silva, que sempre será a minha campestrense preferida, por ter sido meu chão enquanto estive aqui e por ter me ensinado a voar quando foi morar no céu.

*A estrutura da língua que uma pessoa fala influencia a maneira com
que esta pessoa percebe o universo.*

Lev Vygotsky

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise sobre como a cultura de um povo pode influenciar sua maneira de falar, além de interferir no seu comportamento. A partir das observações das peculiaridades existentes na linguagem dos campestrenses, foi desenvolvida uma pesquisa semântica que analisa de que modo a cultura do município de Campestre, situado ao sul de Minas Gerais interfere na linguagem de seus habitantes. Para tanto, foi utilizada como base teórica a Semântica de Contextos e Cenários (SCC), a qual possibilita um estudo que compreende mais claramente as construções dos sentidos por meio de uma abordagem cultural. A pesquisa de campo foi realizada em três etapas, sendo elas: coleta de material bibliográfico histórico-cultural da cidade; pesquisa de expressões idiomáticas; entrevistas semiestruturadas com pessoas de idade acima de 60 anos. Com este trabalho, pretende-se abrir um caminho de análise linguística por meio da cultura, de modo a preservar um patrimônio imaterial de um povo.

Palavras-chave: Língua; Cultura; Semântica de Contextos e Cenários (SCC); Expressões idiomáticas.

RESUMÉ

Ce travail présente une analyse de la façon dont la culture d'un peuple peut influencer sa façon de parler et interférer sur le comportement. A partir des observations des particularités existants dans le discours des « Campestrenses », une recherche sémantique a été développée. Elle analyse comme la culture de Campestre, située au sud de la province Minas Gerais, interfère sur les discours de ses habitants. Pour ce faire, la base théorique « Semantica de Contextos e Cenários (SCC) », a été utilisée. Elle permet de faire une étude qui comprend plus clairement les constructions des sens au moyen d'une approche culturelle. La recherche a été réalisée en trois parties : collecte de matériel bibliographique historique-culturel de la ville ; recherche des expressions idiomatiques ; entretiens semi-structurés avec des personnes âgées de plus de 60 ans. Avec ce travail, il s'agit d'ouvrir un chemin d'analyse linguistique par la culture, de façon à préserver le patrimoine immatériel d'un peuple.

Mots clés: Langue; Culture; Semântica de Contextos e Cenários (SCC); Expressions idiomatiques.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Documento retirado do acervo pessoal da professora Marilene. Transcrição de um testemunho da Revolução de 25 feita por Hercules Thebano.....	26
Figura 2 -	Continuação da transcrição de um testemunho da Revolução de 25 feita por Hercules Thebano.....	27
Figura 3 -	Continuação da transcrição de um testemunho da Revolução de 25 feita por Hercules Thebano.....	28
Figura 4 -	Continuação da transcrição de um testemunho da Revolução de 25 feita por Hercules Thebano.....	29
Figura 5 -	Continuação da transcrição de um testemunho da Revolução de 25 feita por Hercules Thebano.....	30
Figura 6 -	Continuação da transcrição de um testemunho da Revolução de 25 feita por Hercules Thebano.....	31
Figura 7 -	Continuação da transcrição de um testemunho da Revolução de 25 feita por Hercules Thebano.....	32
Figura 8 -	Continuação da transcrição de um testemunho da Revolução de 25 feita por Hercules Thebano.....	33
Figura 9 -	Figura 9 – Folha de São Paulo. A República Livre da Fazenda da Pedra, 1999.....	34
Figura 10 -	Figura 10 – Foto do terrerão da Fazenda da Pedra retirada do acervo pessoal da professora Marilene.....	35
Figura 11 -	Figura 11 – NOGUEIRA, Paulo Dias (2013). Pedra Grande. Registro em memória digital	36
Figura 12 -	Cel. José Custódio Dias de Araújo. Foto retirada do acervo pessoal da professora Marilene.....	37
Figura 13 -	“O folclore de Campestre”. Caiapós. Material retirado do acervo pessoal da professora Marilene. Outras informações indisponíveis.....	41

Figura 14 -	“O folclore de Campestre”. Festa Junina e Festa dos Reis Magos. Material retirado do acervo pessoal da professora Marilene. Outras informações indisponíveis.....	41
Figura 15 -	O folclore de Campestre. Danças Folclóricas e Superstições. Material retirado do acervo pessoal da professora Marilene. Outras informações indisponíveis.....	42
Figura 16 -	“O folclore de “O folclore de Campestre”. Pedra Moça. Material retirado do acervo pessoal da professora Marilene. Outras informações indisponíveis.....	42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1. REFERENCIAL TEÓRICO	3
1.1. Língua e cultura	3
2. A PESQUISA	8
2.1. Fase de iniciação científica: Dicionário Sul-Mineiro de Expressões Idiomáticas.....	8
2.2. Segunda fase da pesquisa de campo: entrevista com a Dona Ivone	10
2.3. Busca e coleta de mais material bibliográfico	11
3. RESULTADOS	12
3.1. Histórico da cidade	12
3.2. A revolução de 25	13
3.3. A Fazenda da Pedra Grande.....	24
3.4. Zeca da Pedra.....	25
3.5. Costumes.....	27
3.6. Cultura e folclore	29
3.7. Ufologia	31
3.8. Análise linguístico-cultural de alguns topônimos de Campestre.....	32
3.9. Algumas tradições orais.....	34
3.10. Expressões idiomáticas	40
CONCLUSÃO.....	43
REFERÊNCIAS	44

1. INTRODUÇÃO

A linguagem é um meio capaz de expressar a diversidade cultural de um povo, uma vez que é um recurso que é compartilhado entre gerações. No município de Campestre, situado ao sul do estado de Minas Gerais, é possível notar peculiaridades na linguagem de seus cidadãos, como algumas expressões idiomáticas e costumes praticados, os quais sofrem influência do campo, visto que grande parte do município é formada por bairros rurais e sua população tem fortes raízes na vida campestre. Partindo da ideia de linguagem como um meio de se expressar, seja por meio da fala ou de comportamentos e até mesmo de silenciamentos, é importante ressaltar que este trabalho se propõe a realizar uma análise semântica, que tem como foco a linguagem que foi construída pelos moradores de Campestre no decorrer dos anos desde sua fundação até os dias de hoje, isso quer dizer que não se trata de uma análise fonética da linguagem.

Língua e cultura estão claramente interligadas por uma indissociável relação: ao pensar em língua, devemos pensar em cultura, assim como é impossível pensar em cultura sem pensar em língua, pois a língua é constituída com características culturais que são expressas por seus falantes.

A atuação da cultura, da língua e do pensamento, um sobre o outro, forma um processo cíclico de interinfluência e retroalimentação entre pensamento, cultura e linguagem, de tal forma constituído que é tênue a linha de separação que permite ver mais claramente a influência de um sobre o outro (FERRAREZI Jr, 2015, p. 166).

Ferrarezi Jr (2015, p. 164) afirma que a língua natural só funciona em um ambiente cultural e esta carece de um aporte de cultura que permita uma compreensão adequada de seu sentido real, ou seja, ela só funciona plenamente no ambiente em que foi construída.

Expressões idiomáticas¹ interferem fortemente na construção da identidade cultural de uma comunidade e funcionam como elementos diferenciadores do local onde são faladas, pois

¹ De acordo com Dubois, et alii, p.330 apud Ferrarezi Jr, p.2 "Expressão idiomática é qualquer forma gramatical cujo sentido não pode ser deduzido de sua estrutura em morfemas e que não entra na constituição de uma forma mais ampla."

são marcas identitárias². “Uma língua natural é, portanto, o tipo de coisa que depende de um aporte cultural para que alcance sua plenitude funcional, o que implica dizer que não é um sistema autônomo e funcionalmente autossuficiente” (FERRAREZI Jr, 2015, p.165).

O estudo da relação dessas marcas com a cultura é importante para que seja possível entender como elas são geradas e como funcionam pragmaticamente no contexto cultural. E, tão importante quanto isso, para que essas marcas linguísticas e culturais sejam corretamente registradas e não se percam no tempo. Registrar essas expressões e relacioná-las com o aspecto cultural é essencial para tornar possível a preservação da identidade linguístico-cultural de um povo, que, de outra forma, poderia ser totalmente perdida ao longo do tempo.

Isto posto, construímos nosso trabalho de forma que a primeira parte desta monografia é voltada para a metodologia e embasamento teórico utilizados para sua realização. A segunda parte tem seu foco nos resultados obtidos por meio de uma entrevista realizada e através de pesquisa bibliográfica de materiais encontrados na cidade. Analisamos, por meio deste, a influência da cultura na linguagem dos moradores do município de Campestre – MG, registrando marcas identitárias e expressões idiomáticas, tendo como objetivo demonstrar a correlação existente entre língua e cultura e como uma atua sobre a outra.

O presente trabalho propõe, em função disso, um estudo embasado na Semântica de Contextos e Cenários (SCC), que, entre outras coisas, visa a analisar como a cultura de uma comunidade pode exercer influência sobre a linguagem de seus habitantes, com base no registro de marcas, expressões típicas, costumes, hábitos sociais e tradições orais do município de Campestre.

² [...] toda e qualquer forma de diferenciação cultural que se configure como uma especificidade de uma comunidade qualquer em relação a outra, o que inclui as formas como essa comunidade usa seu idioma. (Ferrarezi Jr, 20??, p.3)

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A obra na qual este trabalho está fundamentado intitula-se “Introdução a Semântica de Contextos e Cenários: de la langue à la vie” (FERRAREZI Jr, 2010), obra por meio da qual a Semântica Cultural foi introduzida no Brasil. A partir dos métodos desta, foi iniciada a procura por registros orais (por meio de entrevistas ou conversas espontâneas) ou quaisquer documentos em que constam registros do léxico e cultura de Campestre.

Algumas expressões idiomáticas só funcionam em determinadas regiões ou contextos. Isso acontece porque essas expressões estão diretamente relacionadas à cultura de seu local de origem. Portanto, para que o ouvinte as compreenda, é necessário que este seja portador de uma bagagem cultural que possibilite essa compreensão. “[...] uma língua natural só assume plenamente sua significação em ambiente cultural adequado.” (FERRAREZI Jr, 2015, p.176)

Segundo Bagno (2007), a língua é um produto sociocultural que é elaborado ao longo de muito tempo, pelo esforço de muita gente, ou seja, é um patrimônio imaterial (p.39). Bagno (2007), ainda sobre a língua, diz que é intrinsecamente heterogênea, uma atividade social que é empreendida por todos os seus falantes. Portanto, por conta de sua heterogeneidade, podemos perceber que a língua é naturalmente instável, ela está mudando o tempo todo, ou seja, ela está o tempo todo sujeita a transformações e é um processo contínuo. (p.39)

2.1. LÍNGUA E CULTURA

Língua e sociedade estão intimamente ligadas, uma sofre influência da outra o tempo todo. É evidente que a sociedade influencia a estrutura da língua, pois a comunicação e as relações interpessoais tornam isso possível e estas exercem efeito na língua.

Assim, o que temos nas sociedades complexas e letradas é uma realidade linguística composta de dois grandes pólos: (1) a variação linguística, isto é, a língua em seu estado permanente de transformação, de fluidez, de instabilidade e (2) a norma-padrão, produto cultural, modelo artificial de língua criado justamente para tentar “neutralizar” os efeitos da variação, para servir de padrão para os comportamentos linguísticos considerados adequados, corretos e convenientes (BAGNO, 2007, p.38).

Por exemplo, para entendermos como uma construção metafórica implica na transferência de sentidos entre paradigmas culturalmente construídos, Ferrarezi Jr (2012) diz

que essa construção somente pode ser definida dentro de cada cultura, pois dentro de cada cultura há classificações semânticas naturais diferentes. Assim, percebemos que uma associação de ideias pode ser metafórica em uma cultura e não metafórica em outra (p.72).

A construção da visão de mundo dos falantes é um fato relevante neste trabalho, pois “uma língua natural também serve a seus falantes como forma de registro de seus conhecimentos, de toda sua construção cultural.” (FERRAREZI Jr., 2012, p.68). A visão de mundo atua de maneira direta na linguagem dos indivíduos, assim, de acordo com Ferrarezi (2012, p.68), uma língua natural participa de forma ativa na construção da visão de mundo dos falantes.

... como instrumento de estabelecimento dos valores da cultura, a língua atua sobre a própria cultura, na medida em que a estabelece ou em que pode ser utilizada para refutá-la. Assim, a língua atua sobre o pensamento. Por consequência, atuando sobre o pensamento e a cultura, a língua atua sobre si mesma, uma vez que é um meio a serviço do pensamento e da cultura (Ferrarezi Jr, 2015, p. 165).

Logo, podemos notar que existe uma forte relação entre língua, pensamento e cultura, visto que um atua sobre o outro. Isso nos leva a constatar que a cultura interfere de forma significativa no pensamento e é refletida na língua. Um exemplo disso são as metáforas. Conforme Ferrarezi (2015), quando nos referimos a algum tipo de construção figurada na língua, estamos falando obrigatoriamente de cultura, uma vez que a metáfora só é materializada na língua após ser realizada primeiramente na cultura. Ou seja, uma língua só tem sentido em relação a uma cultura e com o aporte dessa cultura (p.166).

Por isso mesmo, as metáforas devem ser compreendidas e estudadas no ambiente cultural em que foram geradas, uma vez que, desde sua construção, elas guardam estreito vínculo com esse mesmo ambiente e com a visão de mundo que o organiza. Pode, assim, afirmar, que o ambiente funcional pleno de uma metáfora é o ambiente cultural em que a língua em que essa metáfora foi construída é adotada como meio regular e natural de comunicação. (Ferrarezi Jr, 2012, p.68)

Ferrarezi (2015) diz, sobre o processo de expressão do pensamento, que os falantes de uma língua não fazem uso somente de formas costumeiras de linguagem, mas utilizam, também, as formas não costumeiras, ou seja, além do uso de formas “denotativas”, há também o uso de formas “conotativas”. Assim, o sentido de um elemento de um paradigma semântico pode ser transferido para um elemento de outro paradigma semântico, que é o que ocorre no caso da metáfora (p.116).

[...] grande parte das metáforas da língua se concretiza nos processos de nomeação. Porém, o estudo dos nomes das línguas, do ponto de vista de sua característica como formas de registro de saberes, tem uma importância muitas vezes desprezada. Isso fica mais evidente se consideramos que as línguas são como que “depósitos”

naturais de conhecimento humano – depósitos de cultura – e percebemos que esses depósitos são feitos, muitas vezes, pela nomeação dos referentes (Ferrarezi Jr, 2012, p.74).

Desse modo, podemos afirmar que “[...] a abordagem cultural de uma língua natural permite compreender de forma muito mais precisa os reais sentidos atribuídos às construções linguísticas e, em certas circunstâncias, é a única forma de chegar a esses sentidos” (FERRAREZI Jr, 2015, p. 176).

2.1.1 A Semântica de Contextos e Cenários (SCC)

Esta pesquisa tem como base os princípios teóricos e metodológicos da Semântica de Contextos e Cenários (SCC), a qual permite uma compreensão mais clara dos sentidos das construções linguísticas por meio de uma abordagem cultural. “[...] o sentido de uma palavra ou expressão linguística qualquer só pode se especializar em um contexto. [...] O contexto, por sua vez, só se especializa em um cenário” (FERRAREZI JR., 2012, p.70).

A Semântica de Contextos e Cenários postula que não há sentidos pré-definidos, literais, para palavras das línguas naturais. De acordo com essa visão do funcionamento de uma língua natural teoria, tudo pode ser expresso por tudo, desde que a construção cultural e o compartilhamento social da expressão assim o permitam (FERRAREZI Jr, 2012, p.69).

Segundo Ferrarezi (2010), a SCC diferencia significado de sentido e adota a visão bakhtiniana de constituição e atribuição de sentido, a qual afirma que o contexto determina o sentido de uma palavra (p.109). Isso quer dizer que uma palavra pode conter determinado significado, mas possuir um sentido diferente, de acordo com o contexto em que é inserida.

Sabemos que a essência da SCC se baseia em dois princípios: o Princípio da Representatividade e o Princípio da Especialização de Sentido. É a partir desses dois princípios que a SCC explora os conceitos de sinal-palavra, contexto e cenário. Ferrarezi Jr adota o seguinte conceito para Especialização de Sentidos (PES):

É a definição exata do sentido (e do sentido³) associado em um sinal-palavra em uso. Ou seja, um sinal-palavra x em um contexto y e um cenário w devidamente identificados e definidos, estará associado a um e apenas um sentido s e, portanto, servirá para representar uma e apenas uma visão de referência v, e não outra, em um mundo m (FERRAREZI Jr, 2010, p. 113).

³ Ou “sentido individual”.

Assim, notamos que o processo de busca de um sentido especializado pelo leitor acontece em ciclos, que podem resultar em novas construções.

Por sua vez, o Princípio da Representatividade parte da ideia de que “uma língua natural é um sistema socializado e culturalmente determinado de representação de mundos e seus eventos” (FERRAREZI Jr, 2010, p.65).

Na SCC, a ideia de palavra adotada é a de unidade natural de significação, ou seja, não há um sentido fixo de significação. Desse modo, é importante, também, definir o conceito de contexto adotado pela SCC, que é

[...] o que vem antes e depois da palavra, o restante do texto, o texto que precede e sucede o próprio texto, o texto que se junta e referencia o texto, num entrelaçar de palavras em textos que acabam formando o complexíssimo conjunto de sinais interligados que procuramos entender quando nos comunicamos (FERRAREZI Jr, 2010, p.116).

O sinal-palavra, por sua vez “[...] somente pode especializar (isto é, definir com precisão) o seu sentido, quando em contexto” (FERRAREZI Jr, 2010, p.117).

Na SCC, o sinal-palavra só especializa o seu sentido quando em contexto, mas para que um sentido se especialize, muitas vezes apenas o contexto não é suficiente. Há um ambiente cultural que deve ser considerado na construção de qualquer fala. Esse ambiente cultural, formado por elementos extralinguísticos é chamado de Cenário. No entanto, “Além do ambiente cultural, fatores outros de ordem mais pessoal e subjetiva que possam interferir na especialização do sentido do sinal podem ser também levados em conta pelos interlocutores” (FERRAREZI Jr, 2010, p.118).

O sentido é algo de extrema importância na SCC, pois, “para as unidades assumirem seus sentidos, ocorre um processo recursivo intenso em que as informações linguísticas e extralinguísticas são consideradas e reconsideradas, de forma cíclica, antes que se possa um sentido definido a uma unidade” (FERRAREZI Jr, 2010, p.80).

Cada sentido é composto por um conjunto de traços de significado culturalmente construídos, atribuídos e relevantes para uma comunidade, que esta mesma comunidade utiliza para fazer representar, por meio de sinais, os elementos ou eventos de um mundo qualquer (FERRAREZI Jr, 2010, p.72).

Isso nos permite concluir que existe uma relação cultural entre palavras e sentidos, uma vez que as palavras não contêm sentidos prévios e fixos e, como a SCC defende, o sentido é externo à língua.

Ferrarezi (2010) afirma que os nomes atuam como depósitos de conhecimentos. É o que acontece, por exemplo, quando um falante recorre a uma metáfora, quando este sente a necessidade de que o nome traga em seu sentido alguma informação relevante para uma construção cultural desejada e não consegue identificar o nome usado como significante desse referente em questão (p.195).

Os nomes, então, quando construídos metaforicamente, passam de mero “índice de referência” a depósitos de informações consideradas relevantes, esclarecedoras, dignas de registro em uma comunidade. E essas construções metafóricas, não obrigatoriamente têm uma grande complexidade vocabular ou gramatical nem se obrigam a estruturas esteticamente trabalhadas: pode tratar-se de uma simples palavra, de uma palavra composta sem rebusques estéticos, ou seja, pode tratar-se – e geralmente assim o é – de nomes comuns de uso cotidiano. (FERRAREZI Jr, 2010, p.196)

Ferrarezi (2010), leva a Semântica a uma relação direta com a vida do falante, mostrando, deste modo, a importância dessa ciência na nossa vida cotidiana. Por meio da SCC, é possível analisar situações de âmbito linguístico e cultural, mostrando que a cultura interfere na língua e, conseqüentemente, na vida de quem a utiliza.

3. A PESQUISA

A pesquisa realizada seguiu os critérios éticos da Resolução nº 510/16/CNS, específica para pesquisas nas áreas de Ciências Humanas, Sociais e Linguagem e foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da UNIFAL-MG. Teve como número do CAAE 42675015.4.0000.5142 e do parecer de aprovação, o nº 995.776. A parte de campo foi iniciada somente após sua aprovação. Os riscos de execução eram mínimos para os falantes e o trabalho foi monitorado de forma a permitir uma correção de atuação ou mesmo sua cessação em caso de ser constatada alguma forma de constrangimento ao longo das entrevistas e/ou observações de fala. O TCLE que foi submetido aos sujeitos-voluntários da pesquisa foi o mesmo aprovado pelo CEP/UNIFAL-MG.

Vencidos os trâmites legais, nossa pesquisa foi realizada em etapas.

3.1. DICIONÁRIO SUL-MINEIRO DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS ANTERIOR À MONOGRAFIA

Este trabalho propôs-se a buscar e analisar expressões idiomáticas próprias da cidade de Campestre, com a intenção de preservar o patrimônio cultural e linguístico do povo campestre.

Devido ao processo de urbanização, algumas expressões se perdem com o tempo ou, então, são utilizadas e compreendidas apenas por moradores mais antigos da região sul-mineira. Portanto, se faz necessário o registro dessas marcas linguísticas e culturais para que não se percam no tempo e, assim, evitar a perda de identidade linguística local. A coleta de expressões idiomáticas possibilita um estudo de aspectos da linguagem da região, além da construção e registro culturais dos falantes.

Partindo do princípio de que língua e cultura são indissociáveis, essa fase da pesquisa objetivou o registro de expressões, coletadas em diversas cidades da região, que se caracterizem como idiomáticas e/ou palavras típicas por meio de entrevistas semiestruturadas e análise de fontes escritas na região, como jornais e textos de internet e de fontes orais de mídia, como as rádios locais e regionais. Essas entrevistas foram realizadas preferencialmente com pessoas idosas e nascidas na região, por meio de conversas informais em visitas

constantes. Os dados foram coletados, analisados e inseridos em quadros que contêm seus respectivos contextos, eventos e sentidos. Através dos dados obtidos, foram registradas e descritas, de acordo com a SCC, expressões idiomáticas típicas da região sul-mineira, visando à reconstrução descritivo-analítica de aspectos culturais e identitários a partir de dados linguísticos típicos.

A SCC define expressões idiomáticas como:

[...] o resultado de um conjunto de processos bastante produtivos em qualquer comunidade de falantes, que acaba por estabelecer traços morfossintáticos muito próprios que passam a atuar como elementos diferenciadores daquela comunidade, ou seja, passam a atuar como marcas identitárias (Ferrarezi Jr, 2007, p.2).

Ainda nessa fase, foi encontrada, lida e examinada a obra *Feliz Oitenta*, escrita por um morador da cidade. José Messias do Lago é um campestrense que teve um papel importante no desenvolvimento da cidade. Nascido no dia 11 de março de 1937 pelas mãos de uma parteira em uma casa de pau-a-pique, vem de uma família humilde. Em seu livro conta sua história de vida e como passou de um simples engraxate a um grande empreendedor, destacando a importância da família, da fé e da valorização do trabalho. Além de contar um pouco a história do município, algumas construções, formação de escolas e espaços públicos e como ele contribuiu para o desenvolvimento da cidade. Conta também as histórias de alguns moradores, os costumes campestrenses, as casas em que moravam, fazendo uma descrição minuciosa de como era a cidade nos anos de sua juventude.

Além dessa obra escrita, como dissemos anteriormente, foram colhidos dados orais por meio de conversas informais espontâneas e entrevistas semiestruturadas com moradores nascidos no município de Campestre, dando preferência a uma faixa etária acima dos 60 anos de idade. Esses dados orais ou expressões idiomáticas foram analisadas levando em consideração o contexto e o cenário em que estavam inseridas, sendo, muitas vezes necessário que se perguntasse ao entrevistado qual sentido a palavra tinha em determinado contexto.

Foram encontradas 71 expressões no período de um ano (dezembro de 2016 a dezembro de 2017), que estão localizadas dentro da obra de Lago (2017), de expressões orais espontâneas e de expressões orais em entrevistas. As entrevistas foram planejadas e realizadas por meio de visitas programadas com antecedência, enquanto alguns dados espontâneos foram percebidos e anotados em conversas ocorridas no cotidiano campestrense. Todas as expressões idiomáticas passaram por exames como a verificação em dicionários,

possibilidade de variação de pronúncia de palavras ou expressões já dicionarizadas e a confirmação da presença delas no discurso do campestre.

3.2. ENTREVISTA: DONA IVONE

Foi realizada uma entrevista com uma senhora chamada Jeovah Ester de Paiva, mais conhecida na cidade como Dona Ivone. Dona Ivone tem 98 anos, reside na zona rural de Campestre em um bairro rural chamado Campinho, nasceu em Campestre no dia 27 de novembro do ano de 1919. Ficou viúva em 14 de outubro de 1969 e, em fevereiro do ano seguinte, se mudou para a cidade de São Paulo. Após 24 anos, retornou a Campestre.

Em entrevista, dona Ivone disse que a Revolução de 25⁴ foi a pior coisa que existiu em Campestre durante sua existência e que todos que levaram os soldados à cidade em 1925 pagaram em vida pelos feitos e que todos morreram de desastre e “coisa ruim”. Deu informações sobre a revolução citada e o que aconteceu com alguns participantes, porém não autorizou que essas informações fossem incluídas neste trabalho. Com base nisso, podemos notar um fator cultural que nos mostra que antigamente, as pessoas viviam em um ambiente de tal violência e repressão que não podiam falar sobre certos tipos de assunto, principalmente, sobre uma revolução malfadada que envolvia alguns dos personagens mais ricos e poderosos da cidade. Por essa atitude, se nota neste costume em pessoas de idade mais avançada, costume este que até hoje é comum na cidade.

Aos 98 anos de idade, Dona Ivone, muito lúcida, conta com uma memória inigualável e uma carga cultural preciosa. Falou um pouco sobre política, como era a vida campestre em sua juventude, alguns costumes e o que se ensinava na escola em sua época de estudante. Disse ter “tirado” o diploma com 12 anos e que hoje em dia, não se ensina mais o que se ensinava antes nas escolas. Contou, também, algumas histórias que ocorreram na cidade, que hoje são consideradas lendas pela população. Essas histórias foram registradas e constam no subtítulo “Resultados” deste trabalho.

A entrevista foi realizada por meio de conversas espontâneas e algumas perguntas feitas a respeito de informações acerca da história da cidade e sua vida pessoal de modo que

⁴ Adiante, vamos falar sobre a Revolução de 25 e explicá-la a partir de outras fontes.

não causassem constrangimento. A entrevistada assinou um termo de consentimento autorizando o uso de seu nome e parte de sua contribuição para a pesquisa.

3.3. COLETA DE MATERIAL BIBLIOGRÁFICO

Foi recolhido um acervo de materiais disponibilizados por uma professora da disciplina de História que trabalha na cidade, do qual constam trabalhos escolares de alunos, reportagens de jornal e algumas folhas soltas contendo informações a respeito de nomes de bairros e cavernas do município e informações culturais incluindo folclore, caiapós e ufologia.

Esse material foi agrupado pela professora no decorrer dos anos de sua docência para a realização de trabalhos escolares sobre a cidade. O acervo contribuiu para a realização dessa pesquisa por conta de seu conteúdo, uma vez que contém informações históricas e culturais de Campestre, as quais são de extrema relevância para os resultados deste trabalho e que não seriam encontradas de outra forma. Além desse acervo, foi realizada a leitura de obras concernentes ao tema abordado na pesquisa, as quais envolvem cultura, língua e sociedade, de autores especialistas no tema trabalhado.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados obtidos neste trabalho são fruto de uma pesquisa de campo realizada por meio de entrevistas e pesquisa bibliográfica. Sua maior parte é composta por pesquisa bibliográfica de um material disponibilizado pela professora Marilene Alves Campos Lago de parte de seu acervo pessoal. A veracidade das informações contidas nesse material é assegurada pela professora, uma vez que é resultado de trabalhos escolares e pesquisas de cunho genealógico de interesse pessoal da professora. Essa pesquisa possibilitou dados sobre o município e sua população, o que colaborou para elaboração deste trabalho.

4.1. HISTÓRICO DA CIDADE

A razão de contar longamente o histórico da cidade de Campestre aqui não se baseia no fato de que objetivamos fazer uma narrativa histórica completa por si mesma, mas no fato de que os acontecimentos inesperados que a história campestrense contém interferiu nos hábitos linguísticos da população, especialmente da população mais idosa. Processos de silenciamento foram implementados e ainda estão em curso, por mais inusitado que isso possa parecer. Portanto, para que compreendamos o comportamento cultural e linguístico de Campestre, precisamos desses dados histórico-culturais (que nos custaram muito descobrir, diga-se de passagem).

A história da cidade de Campestre é marcada por diversos acontecimentos que podem ser considerados “incríveis”, entre eles uma revolução de independência ocorrida por motivos políticos, que teve consequências comportamentais graves na população. Sobre sua fundação, há um material no acervo pessoal da professora Marilene, intitulado “Histórico” com o endereço de um site que, após uma tentativa de acesso se mostrou inexistente. O referido material afirma que a fundação da cidade é atribuída a dois irmãos: Francisco José e Manuel José Muniz, estes que construíram uma igreja e um cemitério, além de doarem 12 alqueires de terra para o começo de uma povoação. A historiografia oficial data de 1830 para fundação de Campestre. No registro da Diocese de São Paulo, consta a provisão de fundação da Capela original que foi obtida por atendimento dos povos da “Boa Vista do Campestre”, Termo da Freguesia de Cabo Verde do Bispado de São Paulo. Esta capela, que serviu de núcleo a

formação do Arraial “O Campestre”, com a invocação de Nossa Senhora do Carmo, teve provisão de ereção em 1832 e foi concedida na cidade de São Paulo por Dom Manuel Joaquim Gonçalves de Andrade.

O território de Campestre foi incorporado ao município de Caldas pela Lei nº 558 de 11 de outubro de 1851. Sua emancipação política aconteceu em 30 de agosto de 1911 sob a Lei nº 556, promulgada pelo governador do estado Cel. Júlio Bueno Brandão. Campestre oficialmente já tinha este nome, no entanto, a Lei nº 843 de 7 de setembro de 1923, determinou que o distrito de Nossa Senhora do Carmo de Campestre, passasse a denominar-se Campestre. A sede do município de Campestre, até então com categoria de vila, foi elevada a cidade pela lei nº 893 de 10 de setembro de 1925. Em publicações oficiais de 31 de dezembro de 1936 e 31 de dezembro de 1937, e de acordo ainda com o quadro anexo ao Decreto lei estadual nº 88, de 30 de março de 1938, passou o termo de Campestre a pertencer à Comarca de Machado, situação essa que se manteve até ser elevado à comarca, por força do Artigo 25, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias do Estado de Minas Gerais, de 14 de julho de 1947, sendo a mesma instalada a 15 de novembro do ano seguinte. Finalmente, pela Lei nº 336 de 27 de novembro de 1948, que estabeleceu novo quadro da divisão territorial do Estado, a vigorar no quinquênio 1949 – 1953, foi criado um novo distrito com sede em Bandeira, nome esse mudado para Bandeira do Sul, de acordo com a Lei nº 1039, de 12 de dezembro de 1953. O município passou a partir daquela data, a constituir-se de dois distritos: Campestre e Bandeira do Sul. (A voz de Campestre, Histórico)

“Dizia um velho italiano: ‘Quem morou em Campestre e não tem uma história para contar, não viveu.’ ”. (LAGO, 2017, p. 136)

4.2 A REVOLUÇÃO DE 25

No acervo pessoal da citada professora de História foi encontrado um trabalho escolar realizado por duas alunas sobre o município. O trabalho tem como título “A situação em Minas”, contendo dois subtítulos: “Falta absoluta de garantias” e “Os crimes de Campestre”. Esse trabalho contém um material que foi escrito por Hercules Thebano, que possui o depoimento de uma testemunha sobre o ocorrido em Campestre. Esse testemunho foi descrito por um jornalista que tem por pseudônimo Carlos da Maia, que se encontrava em Poços de Caldas quando recebeu as primeiras notícias das graves ocorrências em Campestre. Este escrevia para “O Combate”, de São Paulo. Como Carlos da Maia era completamente alheio ao que ocorria em Campestre, este buscou colher informações com um morador antigo da localidade que tinha conhecimento dos fatos. Nota-se que o texto foi todo redigido em português arcaico, devido à época em que foi produzido.

Assim, contamos com a compreensão dos leitores deste trabalho em perceber que essa escolha metodológica, longe ter vínculos com pretensas “facilidades”, visa à uma preservação documental a que os originais utilizados para esta pesquisa não tinham, até então, garantia alguma.⁵

⁵⁵ Esses documentos pertencem a um acervo pessoal e não a um arquivo público. As pessoas de Campestre (e todas as demais, por consequência) não têm acesso irrestrito a eles. Inclusive, somente tivemos conhecimento desse material no final do período da pesquisa e contando com a sorte. Não há qualquer garantia de que esses documentos serão preservados, quer durante a vida de sua proprietária, muito menos após sua morte. Porém, os Trabalhos de Conclusão de Curso de Letras na UNIFAL são preservados de forma digital no acervo do Curso. Assim, optamos por reproduzir os documentos originais aqui, de forma a criar uma forma de acesso público e irrestrito posterior aos estudiosos que precisem ou desejem acessar esses conteúdos em seu formato original. Afinal, além do ponto de vista propriamente histórico, os documentos apresentam valor relativo ao registro linguístico da época, tanto do ponto de vista ortográfico, quanto do ponto de vista morfossintático e narrativo.

Figura 1 – Documento retirado do acervo pessoal da professora Marilene. Transcrição de um testemunho da Revolução de 25 feita por Hercules Thebano.

“Quando da agitação anterior á eleição presidencial, em que eram candidatos os srs. Arthur Bernardes e Nilo Peçanha, o municipio de Campestre collocou-se, por suas forças politicas, ao lado do candidato dissidente.

Tanto bastou para que os seus habitantes não tivessem mais a menor garantia: os delegados especiaes succediam-se semanalmente, cada qual querendo ser mais violento do que o seu antecessor.

A violencia subia de ponto, quando se tratava de colonos da fazenda da “Pedra Grande”, de propriedade do Coronel José Custodio Dias, chefe da opposição local. Esses colonos se viram obrigados a não mais frequentar a séde do municipio.

O pleito correu debaixo de formidavel pressão, exercida pela fórma habitual: amedrontamento de eleitores, correrias nas ruas, espancamentos e ameaças, sendo as porteiras e caminhos guardados pela policia.

Figura 2 – Continuação da transcrição de um testemunho da Revolução de 25 feita por Hercules Thebano.

— 5 —

Mas, apesar de tudo, verificou-se a derrota completa do situacionismo de Minas, pois o candidato Nilo Peçanha obtivera esmagadora victoria.

Com poucos dias de intervallo, realizou-se a eleição de presidente do Estado, na qual, mais uma vez, o povo venceu a politica dominante, por uma differença ainda maior, tendo sido mais votado o sr. Francisco Salles.

Redobramos então as perseguições contra os opposicionistas. A politica Bernardes entregou a direcção do municipio a pessoas sem idoneidade moral, sem o menor apoio dos habitantes do logar, sem escrupulos de especie alguma.

Quando se approximaram as eleições municipaes, as violencias attingiram o auge. Para Campestre foi destacado um capitão de policia, que declarou peremptoriamente levar ordens reservadas do presidente do Estado, em relação ao municipio e aos directores da politica contraria ao situacionismo. A policia quiz, desde logo, forçar o não comparecimento dos eleitores adversos ou, na impossibilidade de conseguil-o, provocar conflictos que impedissem o pleito. Procedendo com a maior calma, a maioria do eleitorado evitou a perturbação da ordem, supportando, resignada, todas as provocações. E, apesar da pressão do costume, triumphou ainda uma vez o partido chefiado pelo Coronel José Custodio, o qual elegeu toda a Camara e todos os juizes de paz e supplentes.

As perseguições não cessaram. O juiz municipal, transformado em instrumento da politica Bernardes

Figura 3 – Continuação da transcrição de um testemunho da Revolução de 25 feita por Hercules Thebano.

— 6 —

no municipio, praticou toda especie de violencias e arbitrariedades.

O governo do Estado, descobrindo um meio magnifico de suffocar opposições, mandou suspender o ensino no grupo escolar e em todas as escolas estaduais do municipio, allegando falta de frequencia, por elle mesmo provocada com a nomeação de professores sem idoneidade.

Eleita a Camara Municipal, o Coronel José Custodio abandonou completamente a politica, passando em Campestre sómente quando em viagem para Poços.

Em 1911 foi creado o municipio de Campestre, elevado a termo da comarca de Caldas em 1914. O governo, para se vingar do chefe da opposição, que possui ahi a importante fazenda da Pedra Grande, reduziu o territorio do municipio á metade, com a incorporação da outra metade ao municipio de Gymirim, que passou a constituir termo da longinqua comarca de Machado.

Campestre foi despojado, ao mesmo tempo, das regalias de termo, devendo contentar-se, além de tudo, com as exiguas proporções territoriaes a que o reduziram. Para se avaliar do absurdo dessa resolução legislativa, que está longe de consultar o interesse publico, basta assignalar que, em consequencia do desmembramento, muitos moradores de sitios que pertencem agora a Gymirim têm de passar dentro de Campestre para attingir aquelle municipio, percorrendo longas distancias de muitas leguas.

Um senador do Estado procurou justificar o acto

Figura 4 – Continuação da transcrição de um testemunho da Revolução de 25 feita por Hercules Thebano.

— 7 —

da supressão intempestiva do termo, com a allegação de que o municipio era frequentemente perturbado por desordens, que tornavam intoleravel a presença de juizes.

A verdade, entretanto, é que Campestre tivera sómente dois juizes: o primeiro deixou o cargo para ahi mesmo se dedicar á advocacia, mais rendosa e de mais futuro de que a carreira de magistrado, mal remunerada pelo Estado. O segundo nunca foi molestado, apesar de notorias violencias por elle praticadas na qualidade de chefe da politica Bernardes. E si sahiu de Campestre, aos primeiros albores de uma linda madrugada, repetindo resolução que tomara em Carmo do Rio Claro, não foi por nenhuma culpa da população local. . .

Nas vespervas de reunir-se o Congresso, em sessão extraordinaria convocada para esse fim, em meados de Dezembro proximo findo, uma commissão de habitantes de Campestre procurou o presidente do Estado, para lhe expôr as ponderosas razões que repelliam o projectado desmembramento do termo. Essa commissão, porém, voltou da capital, desapontada e desilludida, deante da declaração positiva do presidente de Minas, de que sua intenção era arrasar Campestre, para assim destruir aquelle atrevido nucleo de opposicionistas.

E foi o que se verificou. Effectivamente, a 3 de Fevereiro ultimo, appareceu ea Campestre um contingente de policia, procedente de Bello Horizonte e commandado por um capitão, com ordens terminantes de

Figura 5 – Continuação da transcrição de um testemunho da Revolução de 25 feita por Hercules Thebano.

— 8 —

depôr a Camara Municipal, prender diversas pessoas influentes e tomar outras medidas tendentes a suprimir as hostes do partido da opposição.

Entre os cavalheiros que deviam ser trancafildos, figuravam os srs. Coronel José Custodio, Coronel José Guilherme Ramos, Antonio Cesar da Costa, Joaquim Alves de Araujo Junior e João Felisberto.

Este ultimo é fazendeiro no municipio, onde gosa de grande estima. Commetteu o crime unico de ver o seu neto assassinado covardemente em plena praça publica, com a circumstancia de, no respectivo processo, figurar o proprio assassino como testemunha!

São simplesmente innominaveis as scenas que acabam de desenrolar-se em Campestre, após a chegada da força policial.

O commandante, que é ajudante de ordens do chefe de policia, dirigindo-se ao edificio da Camara, tentou arrombar-lhe as portas. Não levou por diante o seu designio, porque alguém se promptificou a ir buscar as chaves.

Uma vez dentro do edificio, transformou-o em quartel provisório. E dahi endereçou uma intimação aos vereadores e juizes de paz, para que renunciassem immediatamente, sob pena de prisão.

Os soldados ficaram senhores absolutos da localidade, da qual se retiraram muitas familias para São Paulo. Outras familias, sentindo-se sem garantias, preparavam-se tambem para deixar Campestre, que vae perder assim valiosos collaboradores de seu progresso.

Figura 6 – Continuação da transcrição de um testemunho da Revolução de 25 feita por Hercules Thebano.

— 9 —

Para amedrontar a população, os soldados fizeram constantes disparos de carabinas. Na igreja, prenderam o vigário, a quem espancaram, praticando em seguida actos de depredação em sua casa, onde quebraram toda a mobília e se apoderaram do dinheiro que ali encontraram.

Fala-se que essas e outras façanhas foram levadas a effeito na ausencia do commandante, de quem, entretanto, o dirigente da força havia recebido uma carta, pouco antes do inicio das vandalicas aventuras.

Os soldados ainda damnificaram um predio em construcção de propriedade do Coronel José Custodio.

Foram á casa do sr. Gabriel Junqueira, então ausente com a familia, e, uma vez ali, estragaram completamente a mobília e fizeram em pedaços toda a roupa guardada nos armarios, inclusivé vestidos da senhora daquelle cavalheiro. Dispararam as carabinas sobre um piano novo, crivando-o de balas, e apoderaram-se, além de joias, da quantia de 5 contos e tanto, pertencente á Empresa de Electricidade, cujo escriptorio funcionava numa das dependencias da casa. Terminaram a façanha matando, a tiros de carabina, dois pobres bezerros que pastavam no quintal.

Foram em seguida a um bar, onde beberam á larga, acabando por quebrar tudo, inclusivé lampadas electricas.

Dalli se dirigiram á pharmacia local, que alvejaram com seus rifles, desfechando-lhe vinte a trinta tiros. Pehetraram depois na casa, onde espatifaram tudo, numa destruição vandalica.

Figura 7 – Continuação da transcrição de um testemunho da Revolução de 25 feita por Hercules Thebano.

— 10 —

Nem o regulador da Matriz escapou ás suas carabinas.

E assim ficou uma vez por todas eliminada a opposição em Campestre, tendo, entretanto, o “Minas Geraes” organ official, registrado jubilosamente que havia o governo entrado em accôrdo com a politica dominante, entregando a Camara aos vereadores da legislatura transacta...

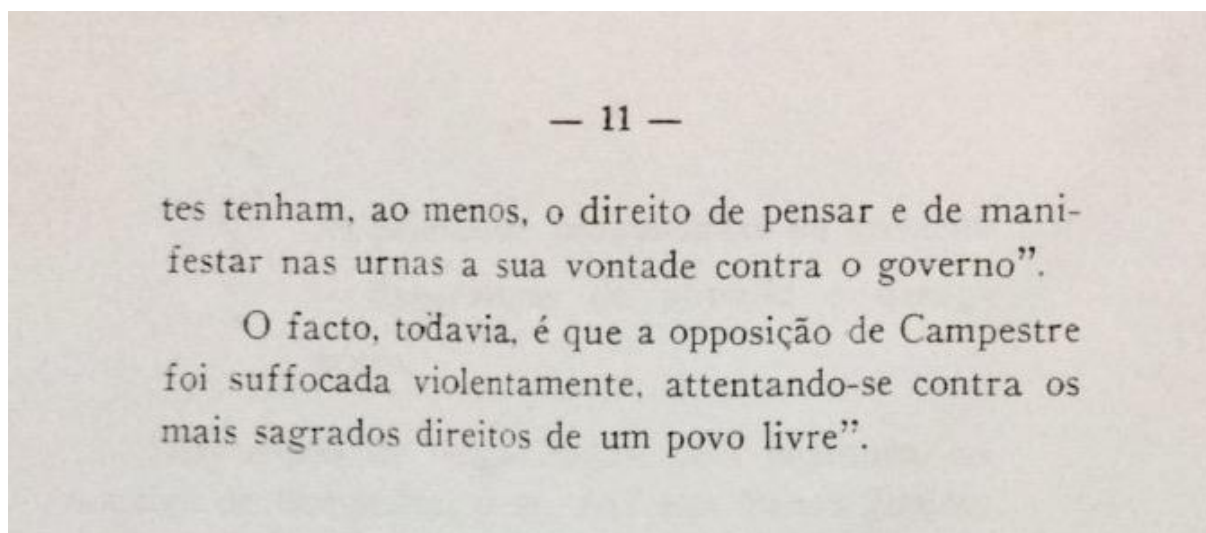
Accrescentou o meu informante que perduravam as ameaças contra a fazenda da “Pedra Grande”, cujo proprietario praticou o “nefando” crime de trabalhar para a riqueza sua e do Estado, concorrendo, com seu exemplo, para promover o cultivo das terras do municipio. O administrador da fazenda, sr. Estevam de Rezende, está ameaçado de prisão, sem saber o motivo.

Taes, em pallido resumo, as occorrencias de Campestre, que aqui, em Poços, têm sido largamente commentadas.

Custa acreditar em sua veracidade. Antes de tudo, o estado de sitio não se estende até Minas, que vive sob o regimen das garantias constitucionaes. Não se justificam, pois, absolutamente, essas revoltantes occorrencias, que depõem contra as tradições de democracia e liberdade do grande Estado, proverbial pelo agasalho generoso que sempre dispensou ás victimas de perseguição politica, em torvos periodos da historia patria.

“Não creio — escreveu Carlos da Maia — que o glorioso departamento da Federação se haja despojado dessas tradições, para impedir que seus habitan-

Figura 8 – Final da transcrição de um testemunho da Revolução de 25 feita por Hercules Thebano.



Como pudemos ver no relato detalhado de Thebano, a Revolução de 25 foi um movimento de grande impacto na cidade e em sua formação. No entanto, é um fato desconhecido pela maioria da população nos dias de hoje, especialmente entre os mais jovens. O fato não é comentado nem mesmo nas escolas quando se trabalha a história da cidade, passando-se apenas superficialmente pelo assunto.

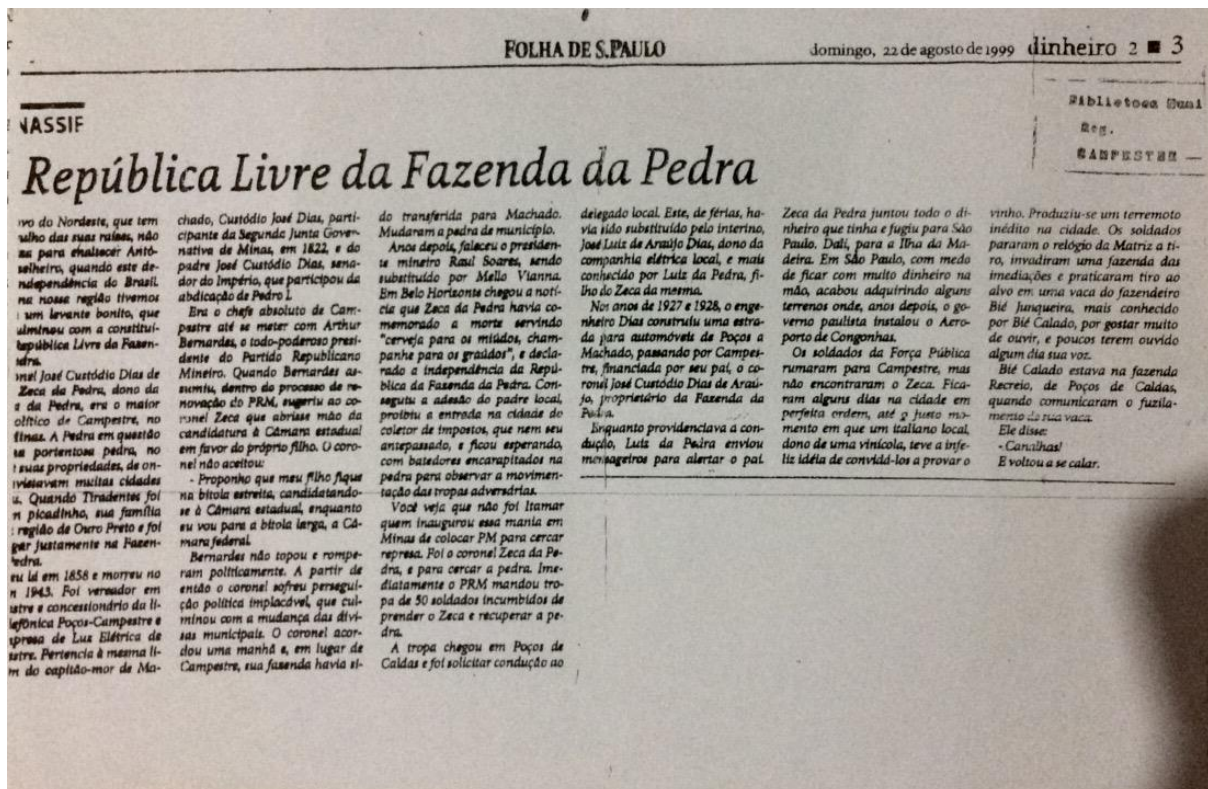
Porém, é mais do que isso. Durante nossa pesquisa e na entrevista mais longa realizada (com D. Ivone), pudemos comprovar que a população mais velha da cidade hesita em falar sobre o assunto, uma vez que existe um certo temor de violência em relação ao acontecimento. Durante a Revolução e após ela, pessoas morreram e muitas foram reprimidas pelos envolvidos que sobreviveram e por seus descendentes. Pessoas que nos contaram detalhes sobre a Revolução, quando perguntadas, não autorizaram que esses detalhes fossem revelados, pois ainda temem consequências violentas sobre tais revelações. Ou seja, há um processo de silenciamento que se iniciou em 1925 e que ainda está em curso entre parte da população de Campestre. Isso é incrível ao lembrarmos que estamos em um país democrático e de direito, com liberdade de

imprensa e de opinião! Mas, muitas pessoas antigas de Campestre ainda vivem o clima revolucionário de 1925! E, será que elas não têm suas razões?

Com base nessas informações culturais e históricas é possível chegar à conclusão de que a temida Revolução de 25 acarretou não apenas danos físicos à cidade, mas também danos psicológicos aos moradores e danos culturais e sociais, uma vez que interferiu no comportamento de um povo. Não é para menos, quando lemos mais notícias da época:

Quando Bernardes assumiu, dentro do processo de renovação do PRM sugeriu ao coronel Zeca abrisse mão da candidatura à Câmara estadual em favor do próprio filho. O coronel acordou uma manhã e, em lugar de Campestre, sua fazenda havia sido transferida para Machado. Mudaram a pedra de município. Anos depois, faleceu o presidente mineiro Raul Soares, sendo substituído por Mello Vianna. Em Belo Horizonte chegou a notícia que Zeca da Pedra havia comemorado a morte e declarado a independência da República da Fazenda da Pedra. Conseguiu a adesão do padre local, proibiu a entrada na cidade do coletor de impostos, que nem seu antepassado e ficou esperando com batedores encarrapitados na pedra para observar a movimentação das tropas adversárias. O PRM mandou tropa de 50 soldados incumbidos de prender o Zeca e recuperar a pedra. (Documento sobre Coronel José Custódio Dias de Araújo)

Figura 9 – Folha de São Paulo. A República Livre da Fazenda da Pedra, 1999.



4.3. A FAZENDA DA PEDRA GRANDE

Segundo informações contidas em um material do acervo da professora Marilene, intitulado “A famosa fazenda da Pedra Grande”, por volta de 1785, Vicente Alves de Araújo e Vicência Maria, eram donos da fazenda Pinheiros. Nessa fazenda havia um oratório antigo que possuía em seu centro uma imagem da Nossa Senhora do Carmo. Mais tarde, a fazenda mudou de nome para “Fazenda da Pedra Grande”, por conta de uma grande pedra que há naquelas terras, e seus donos eram, então, Dr. José Luís Dias e Da. Vicência Maria do Espírito Santo (filha dos primeiros donos), avós paternos do Coronel José Custódio Dias de Araújo, que tomou posse da fazenda em 1870. Essa fazenda se tornou a maior do sul de Minas, pois o coronel possuía várias casas no Rio de Janeiro e em suas viagens levava botas, chapéus e armas de fogo para trocar em terras com o povo campestre. Nessa fazenda, eram mantidos escravos que construíram o primeiro terreirão cimentado do sul de Minas, feito com cimento importado da Inglaterra. Também havia um antigo alambique na fazenda que vendia pinga e vinho para toda a região.

Figura 10 – Foto do terreirão da Fazenda da Pedra, parte do acervo pessoal da professora Marilene



Figura 11 – NOGUEIRA, Paulo Dias (2013). Pedra Grande. Registro em memória digital.



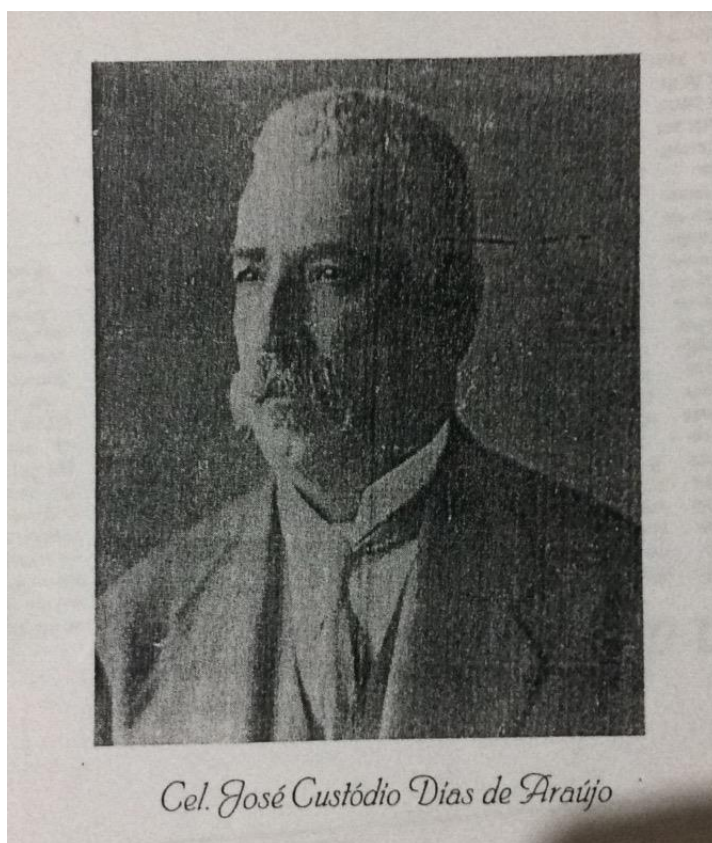
4.4. ZECA DA PEDRA

De acordo com uma matéria que foi publicada no Jornal da Praça, com data e autoria desconhecidas, o Coronel José Custódio, conhecido como Zeca da Pedra, é considerado um verdadeiro herói Campestrense, uma figura que ainda impõe respeito. Este é retratado como um homem íntegro, cordial e comunicativo, dotado de inteligência e notável senso administrativo. Foi também um exemplar chefe de família e político sempre afeito à clemência mesmo para com seus adversários. Colaborou com o crescimento da cidade de modo significativo. Foi idealizador e fundador do primeiro Grupo Escolar, o qual leva seu nome e teve generosa participação na construção da nova Matriz Nossa Senhora do Carmo, da Prefeitura, do Cine Imperador e de outros relevantes empreendimentos.

Na política, foi eleito Deputado Estadual em 1912 e, ao instalar-se a primeira Câmara, foi eleito Presidente, passando o referido mandato ao Vereador mais votado. Segundo o documento consultado, após ter sido caçado pelas tropas mandadas pelo seu rival Artur Bernardes em 1925, ele fugiu para uma ilha portuguesa chamada “Madeira”, onde residiu até sua morte em 28 de junho de 1945.

Pelos escritos, nota-se uma grande admiração do povo campestre pelo Coronel José Custódio e por sua contribuição para o desenvolvimento e progresso da cidade. Sua imagem se tornou lendária e as pessoas ainda falam sobre ele não como uma espécie de “dono da cidade”, capaz de decretar a independência de Campestre da República brasileira, mas como alguém que amava a cidade acima de tudo. Porém, juntamente com essa admiração, percebe-se aquele temor que citamos antes. Uma mistura de sentimentos realmente difícil de compreender e explicar, até porque os informantes dificilmente revelam suas posições pessoais reais em relação ao Coronel.

Figura 12 – Cel. José Custódio Dias de Araújo. Foto retirada do acervo pessoal da professora Marilene.



4.5. COSTUMES

Em sua obra “Feliz oitenta”, José Messias do Lago conta sobre sua trajetória de vida e nos permite fazer uma viagem no tempo. No livro, o autor descreve costumes, comemorações, fala de cultura e sobre como as pessoas se comportavam nos tempos antigos na cidade.

José Messias descreve de modo bastante minucioso sobre como as casas eram construídas nos tempos de sua infância e que, na época, era comum a construção de pau-a-pique pelas famílias mais pobres.

Na técnica de pau a pique, para quem não sabe, as paredes são levantadas com varas de madeiras roliças, cruzadas com outras mais finas, amarradas com cipó e o barro é jogado de um lado e do outro até a parede ter a grossura de mais ou menos vinte centímetros. O assoalho da casa era de tábuas largas. Naquele tempo, todas as casas tinham porão para guardar lenha, pois existia somente fogão a lenha. (LAGO, 2017, p.13)

Ao longo da obra, foi possível notar um certo descontentamento saudosista em relação à mudança de comportamento que o povo sofreu com o passar dos anos, uma vez que Lago critica de modo sutil os comportamentos “modernos”. No fragmento a seguir esse descontentamento é evidente:

Todas as missas eram de manhã, porque a comunhão era em jejum e ministrada antes de qualquer alimentação. Não eram muitas pessoas que participavam da comunhão; as pessoas tinham medo do pecado, diferentemente de hoje em dia. [...] As missas eram rezadas em latim. O padre rezava de costas para o povo. Todas as noites, acontecia a benção do Santíssimo Sacramento. (LAGO, Messias José do, 2017, p.14)

A Igreja Católica sempre exerceu forte influência no comportamento dos campestrenses. Muitos dos costumes eram movidos pelo catolicismo, uma vez que a cidade, desde de sua fundação, sofreu influências portuguesas. “A história de Campestre tem seu fio de origem entrelaçado ao de Portugal, mais precisamente aos lendários povos açorianos e madeirenses.” (FRANCO, 2001, p. 45)

A inauguração da igreja matriz, que ocorreu em 1942, por exemplo, foi um marco na história da cidade e algo importante para os moradores.

Um ato importante dessa inauguração foi a colocação da cruz no alto da torre pelo meu pai e alguns pedreiros. Lembro, como se fosse hoje, a dona Maria

Junqueira amarrando uma corda na cruz para ser içada para o alto da torre; a chegada e o jantar especial para o Bispo Diocesano; a queima de fogos comandada pelo Pedro Fogueteiro, que era um especialista neste trabalho; a novena; os leilões de prendas e de gado e a banda de música, uma alegria total para a cidade. (LAGO, 2017, p. 20)

O padre Artur foi uma figura muito importante para a comunidade. Foi um médico e construiu a casa paroquial, um hospital, a igreja e o colégio que hoje leva o seu nome. Além das construções, levou à cidade as irmãs do Instituto Beatíssima Virgem Maria. “Durante mais ou menos vinte anos, Campestre viveu um período de cultura e disciplina, baseado nos ensinamentos dessas abnegadas irmãs.” (LAGO, 2017, p. 33)

Além dos costumes religiosos também havia algumas brincadeiras que não são mais comuns hoje em dia. É o caso de “pit-poc”, “rodar arquinho” e “finca”, como cita Lago no fragmento a seguir.

Rodávamos pião. Jogávamos biloca com bolinha de gude, e finca – um brinquedo meio difícil de explicar... A gente ia fincando uma haste de ferro no chão e riscando o chão, tentando fechar o adversário; quando errava, passava a vez. Rodar arquinho era assim: era feita uma chave de arame com um cabo de sabugo de milho e a gente saía rodando o arquinho pela cidade. O pit-poc, feito com canudinho de bambu, dava tiro usando-se a casca de laranja como munição. O papa-vento era uma hélice que girava com o vento. (LAGO, 2017, p. 21)

Lago (2017), conta que, em Campestre, havia apenas um grupo escolar. Para fazer o ginásio só era possível nas cidades vizinhas como Poços de Caldas e Machado, mas em escolas dirigidas por padres, de forma que toda a classe alta da cidade era fortemente influenciada pela Igreja Romana, afinal, apenas as famílias ricas podiam manter seus filhos nelas. Quando as férias chegavam, os jovens pobres ficavam ansiosos para ouvir as histórias daqueles que estudavam fora e, quando contavam sobre o cinema, a banda de música, piscina e a qualidade de ensino, sentiam muita inveja (p.32).

Por conta disso, a cidade necessitava de um ginásio para atender a população menos favorecida. E foi o que aconteceu. A primeira turma do ginásio era de jovens de 16 anos ou mais e todos trabalhavam, por conta disso, o horário das aulas era diferenciado: das 4 às 8 horas da manhã (p.33).

Algo curioso que nos permite entender a influência da cultura campestre na linguagem de seus habitantes é o exemplo do “Morro do Nicola”. Existe um morro na cidade

que todos conhecem por “Morro do Nicola”, mas a maioria desconhece a origem desse topônimo.

Na primeira casa, onde é hoje a casa de tintas Cometa, moravam Sr. Nicola Flora e D. Carmela, italianos. Ele foi um grande comerciante, tinha máquina de café, uma linha de transporte Campestre – Poços de Caldas, trazia as mercadorias que chegavam pela estrada de ferro Mogiana. (LAGO, 2017, p. 109)

Este é um caso de como a cultura interfere diretamente na construção linguística de uma comunidade e como o sentido de um nome só funciona plenamente no ambiente em que foi construído. Se, por exemplo, encontrarmos uma pessoa que mora em outra cidade, buscando informações de como chegar à praça central de Campestre, não poderíamos dizer para ela subir o “morro do Nicola”, pois ela não entenderia, uma vez que esse nome não é oficial, não consta do Google Maps nem do Waze. No entanto, se falarmos para um morador de Campestre, este entenderia perfeitamente.

4.6. CULTURA E FOLCLORE

Devido à contribuição dos imigrantes da região, Campestre possui uma riqueza muito grande no que diz respeito ao folclore. A cidade conta com Caiapós, Festas Juninas, Festas dos Reis Magos (Folia de Reis), entre outros costumes, os quais são detalhados a seguir:

Figura 13 – “O folclore de Campestre”. Caiapós. Material retirado do acervo pessoal da professora Marilene.

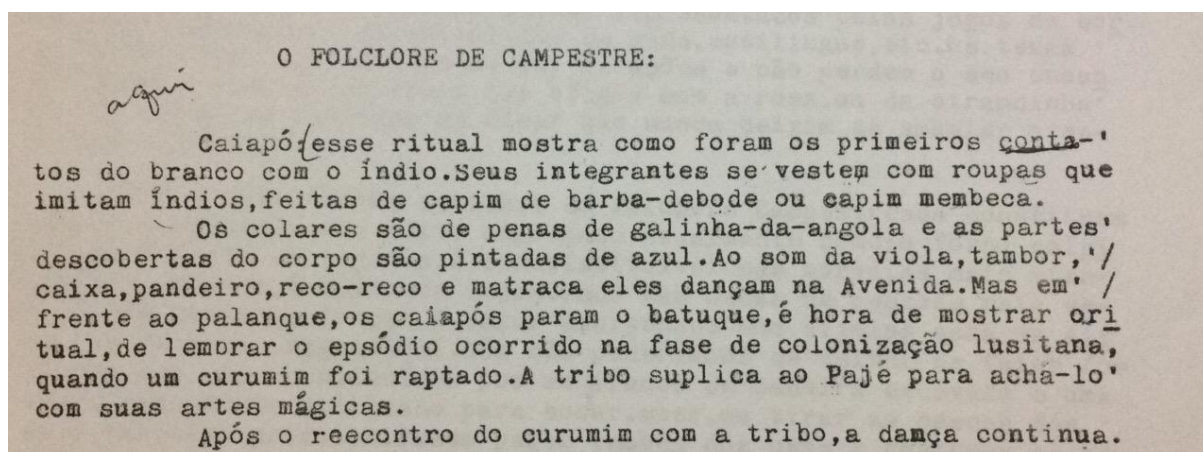


Figura 14 – “O folclore de Campestre”. Festa Junina e Festa dos Reis Magos. Material retirado do acervo pessoal da professora Marilene. Mimeo. Outras informações indisponíveis.

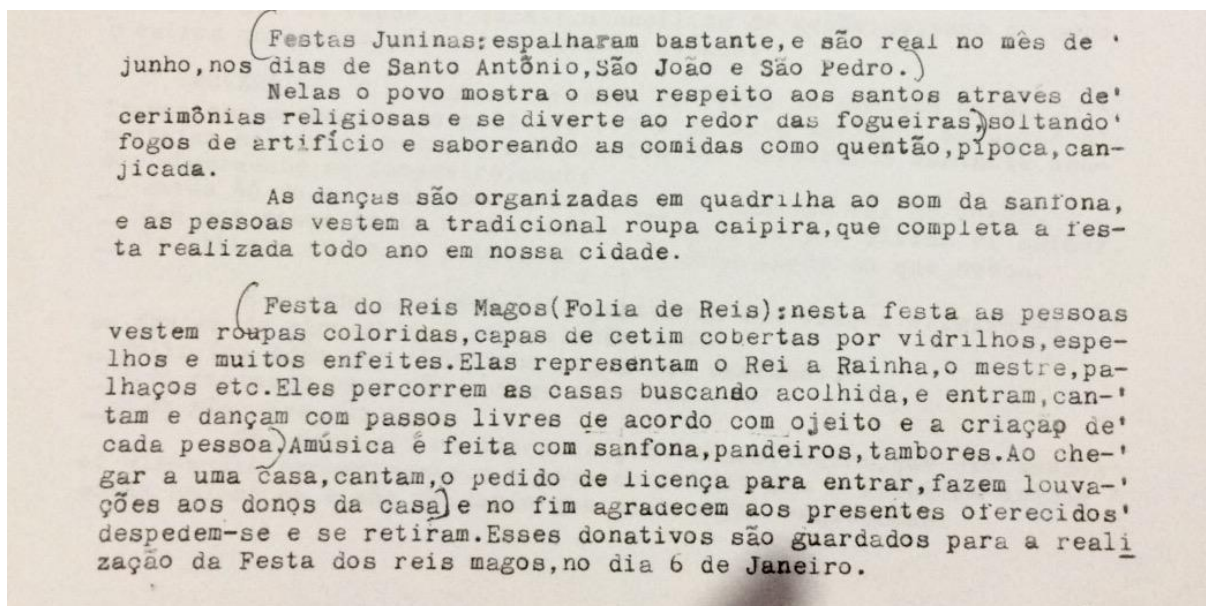
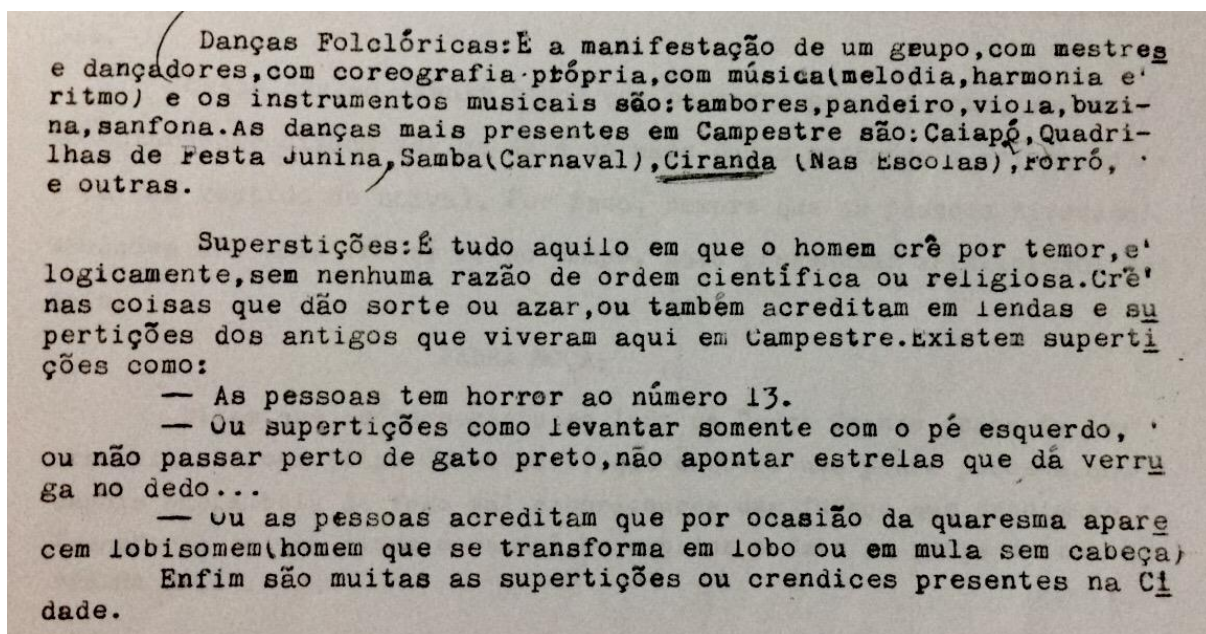


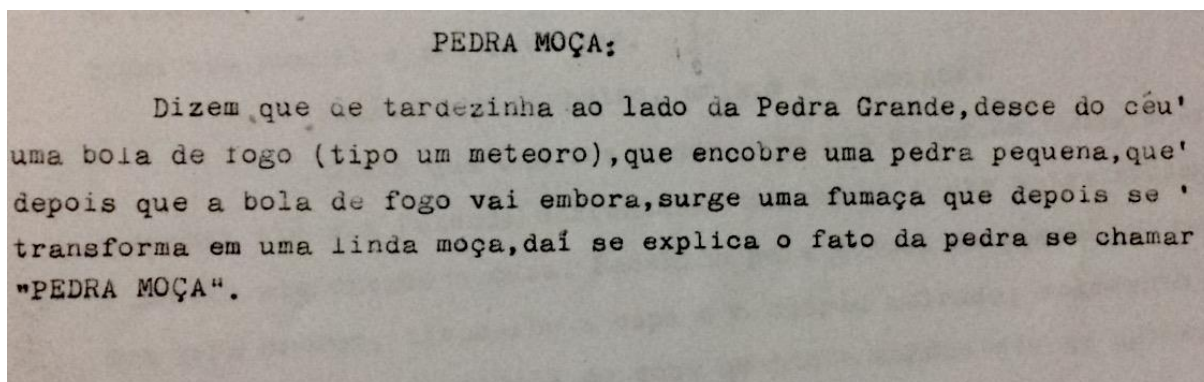
Figura 15 – “O folclore de Campestre”. Danças Folclóricas e Superstições. Material retirado do acervo pessoal da professora Marilene. Mimeo. Outras informações indisponíveis.



Como podemos notar, parte das superstições de Campestre tem um vínculo com a religião Católica, como ocorre no restante do país, especialmente em áreas interioranas. A ideia de que períodos destinados à reclusão e à reconciliação são mais propensos para intervenções

diabólicas que atrapalhariam os fiéis em suas obrigações eclesiásticas são muito comuns, como a aparição de “visagens” no período da Quaresma. Da mesma forma, muitos de seus costumes são vinculados às festas típicas dessa religião.

Figura 16 – “O folclore de Campestre”. Pedra Moça. Material retirado do acervo pessoal da professora Marilene. Mimeo. Outras informações indisponíveis.



No caso da Pedra Moça, já podemos encontrar um caso típico de “lenda de controle”, como ocorre na maioria das cidades interioranas brasileiras. Lendas de controle ou “crenças de controle” são criadas com a função de despertar medo nas pessoas em relação a certos locais ou práticas, de maneira que se tenha controle sobre elas no que concerne, por exemplo, a elas frequentarem esses lugares em determinados horários ou dias santos. O local da Pedra Grande e da Pedra Moça, certamente, era um local apreciado por crianças e, ao mesmo tempo, por pessoas não tão confiáveis assim, além de ter-se tornado um local místico com o passar do tempo por ser um local vinculado a violência e morte. Foi nos arredores da Pedra Grande, por exemplo, que parte da matança da Revolução de 25 ocorreu. Assim, ter um meio de manter as crianças afastadas do local, um meio sobrenatural e incontrolável, seria uma forma muito propícia de evitar problemas.

4.7 UFOLOGIA

Assim como é comum em toda a região montanhosa do Sul de Minas, em Campestre a preocupação com a presença extraterrestre e com manifestações sobrenaturais é intensa. Existe na cidade, um grupo de pessoas que estudam e pesquisam sobre objetos não identificados. O nome desse grupo é UFOP. Não existe um ponto fixo de vigília: eles se reúnem uma vez por semana para trocar ideias e experiências. Fazem, também, relatórios e enviam a outros grupos de outras cidades.

4.8. ANÁLISE LINGÜÍSTICO-CULTURAL DE ALGUNS TOPÔNIMOS DE CAMPESTRE

Com relação à definição de toponímia, Carvalho (2012) diz que,

Segundo Dick (1990), a Toponímia é o estudo da motivação dos topônimos, nomes próprios de lugares, isto é, de enunciados linguísticos formados por um universo transparente significante que reflete aspectos culturais de um núcleo humano existente ou preexistente. É, pois, segundo a autora “um imenso complexo línguocultural, em que dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente”. (DICK, 1990, p.19 apud CARVALHO, ALVES, 2012, p.2)

Carvalho (2012, p. 2) diz ainda que, quando o topônimo é criado, este se sujeita às consequências do tempo, ou seja, pode sofrer influências, modificações e até mesmo desaparecimento de seu significado original, pois pode escapar da memória do povo. Isso mostra uma dupla dimensão da Toponímia do referente espacial geográfico (função toponímica) e do referente temporal (memória toponímica).

Com base nessa afirmação, foram coletados documentos em que constam os nomes de bairros rurais de Campestre e suas respectivas explicações. Sabemos que, como afirma Ferrarezi Jr (2012), “[...] os nomes que utilizamos no cotidiano exercem uma influência silenciosa, mas efetiva, sobre a forma como construímos e representamos linguisticamente nossa visão de mundo”. Sendo assim, podemos dizer que os nomes aqui evidenciados só exercem seu pleno funcionamento no município de Campestre, que é onde foram construídos, uma vez que, para sua compreensão, é necessária uma bagagem cultural específica, lembrando que estes podem ter sofrido modificações com o passar do tempo.

Os topônimos a seguir foram transcritos de parte do acervo pessoal da professora Marilene:

a. Bairro Posses

Na segunda metade do século XVIII e início do século XIX, com o fracasso da exploração do ouro, os garimpeiros partiram para a agricultura e criação do gado através do apossamento de terras.

“Posse”, então, era a escolha de um pedaço de terra que um posseiro considerava como sua, visto que o rei o permitia e, até mesmo doava vastas extensões de Sesmaria às pessoas capazes de explorá-las e desenvolver a região.

A Fazenda das Posses, recebeu este nome e o transmitiu ao lugarejo, pois era formada por muitas posses, sendo que os posseiros, para sua proteção de ataque dos índios e de feras, se agrupavam em determinados pontos a que davam o nome de “arranchamento”. Dessa forma, surgiu o lugarejo, o “Arranchamento das Posses” no final do século XVIII.

Alguns moradores, em conversa, afirmavam que o nome Posses adveio do fato de que os Muniz (família tradicional e importante da região) no alto do Bairro, teriam dito: “- Chega de terras, aqui terminam as nossas posses.”, afinal era uma grande fazenda, produzindo em quantidade café, arroz, milho, feijão, gado bovinos e suínos.

Atualmente é um bairro de relevante importância socioeconômica, tendo em certo tempo, desejado se tornar independente, tal era a força de seu comércio. Sempre teve boas escolas e hoje já conta com uma Escola Estadual. Possui Centro Comunitário e a capela de São Sebastião, e um cemitério. Politicamente ativo, sempre teve vereadores na Câmara Municipal de Campestre.

b. Bairro Serra Negra

Um escravo fugitivo que se refugiou naquela região nunca mais foi encontrado, por isso a denominação “Serra do Negro” que, depois, veio a ser “Serra Negra”.

c. Bairro Tijuco Preto

Alguns contam que os moradores mais antigos do atual Tijuco Preto eram da raça negra e por isso o nome atual do bairro. Outros afirmam que esse nome se deve à existência, na região, de uma terra argilosa boa para fazer tijolos de cor preta.

d. Caverna da Bexiga

Houve uma época que a “bexiga”, doença que formava bolhas sobre a pele e matava, se alastrou. As pessoas contaminadas se refugiavam na caverna e lá morriam. Dizem que até hoje lá se encontram ossadas daqueles infelizes.

e. Caverna do Buraco

No local, viveu um homem que bateu em sua mãe. Como castigo eterno, ao andar, ele dava dois passos para frente e um para trás, como se, à sua frente, sempre houvesse um buraco para desviar.

f. Gruta de Nossa Senhora Aparecida

Certo homem não acreditava em Deus e nem em Nossa Senhora Aparecida. Um dia ele arriou o seu cavalo para ir a cidade beber. Sua filha pediu para ele passar na Igreja e que lhe trouxesse uma imagem de Nossa Senhora Aparecida. Ele xingou sua filha e disse que não ia passar lá. Montou em seu cavalo e se foi. No caminho o cavalo tropeçou. O cavaleiro ia caindo quando gritou: Nossa Senhora Aparecida. Ele acabou se salvando na queda, em que nada de grave aconteceu. Assim, o homem montou novamente em seu cavalo e a primeira coisa que fez foi ir a igreja pegar a imagem que a filha pediu e mandar fazer uma gruta, que recebeu o nome de “Gruta de Nossa Senhora Aparecida”.

g. Caverna da Pedra da Moça

Durante a noite, conta-se que sai dessa caverna uma bola de fogo que, ao explodir no ar ilumina toda a pedra e então avista-se sobre a pedra a silhueta de uma moça sentada. Localiza-se no chamado Can-Can.

h. Caverna do Pote

Conta a lenda que os escravos aprisionaram um saci dentro de um pote, colocando-o numa gruta, a “Caverna do Pote”. Quem mexer no dito pote será possuído pelo saci.

4.9. ALGUMAS TRADIÇÕES ORAIS

As tradições orais marcam a história de um povo e são características da cultura, evidenciando costumes, que são por elas influenciados. Algumas histórias são contadas e recontadas por um povo e são passadas de geração em geração. Por conta disso, é necessário frisar que as tradições orais podem sofrer alterações com o passar do tempo, uma vez que são

contadas apenas de modo oral, ou seja, uma vez que não existem documentos duradouros em que estas histórias tenham sido escritas.

As histórias aqui apresentadas podem, também, ser consideradas lendas campestres. Foram contadas por Jeová, mais conhecida como Dona Ivone, que completa 99 anos em 2018. A entrevista foi gravada e a parte aqui divulgada foi devidamente autorizada pela entrevistada, que assinou um termo de aceite.

Seguem descritas as histórias contadas pela dona Ivone. Frisamos que, na sua transcrição, ao invés de optar por uma forma fonética, mais inacessível ao leitor comum, optamos por uma grafia baseada na nossa ortografia tradicional, tentando manter os traços de oralidade mais importantes presentes na narrativa. Trata-se, portanto, de uma aproximação da narração original e nada mais.

a. João do Assoalho

“Cê já ouviu falar da história do João do Assoalho? Aqui em Campestre tinha uma senhora que todo mundo respeitava ela, mas era morava com o Felipão. Esse João do Assoalho era irmão do Geraldinho que tinha uma farmácia lá no Rio do Peixe. Mas isso não tem nada com a história. Esse João do Assoalho tinha mania de comprar cavalo, e era aquele cavalo caro. Onde ele ouvia que tinha um cavalo assim ele ia e comprava. Gostava de comprar, assim, aqueles dos mais caro que ele comprava. Na época não tinha carro, então ele adorava cavalo. Aí que aconteceu, ele montava em um e outro. Quando foi um dia, ele chegou na casa dele, mas tava armando uma chuva enorme. Ele foi e falou pra mãe dele “Ai, eu vou tirar um sono, daqui um pouco eu levanto e vou dar umas volta. E esse cavalo aí é um cavalo mais caro.” Aí ele nem importou, nem olhou que ia chover. A mãe dele viu que vinha vindo aquela chuvarada, pegou o cavalo, nossa e viu que tava com o cochinil novo, aquele que põe pra sentar né, arreio novo, e falou “Nossa, eu vou tirar tudo do cavalo, porque vai chover muito e vai molhar e esse cavalo não pode molhar. Se eu soltar o cavalo, ele vai esconder debaixo de uma árvore, aí ele não molha, pra ele não resfriar. Porque cavalo resfria como gente, né.” Aí soltou o cavalo. Quando foi lá de tarde ele acordou, foi tomar um café na cozinha e falou “agora vou dar umas volta”. Mas quando ele chegou pra montar no cavalo... cadê cavalo? Aí a mãe dele falou “Olha, eu soltei o cavalo porque teve uma chuva terrível. Pra ele não ficar doente eu tirei o arreio, tirei o cochinil, tirei tudo e pus ali na sala.”. Aí ele falou “Mas por que que soltou o cavalo? A senhora não tinha nada que ter soltado” aí a mãe dele “Mas cê queria que o cavalo molhasse? Que o arreio novo molhasse? Um cochinil tão caro que cê comprou ia deixar molhar? Pus tudo ali na sala, ta tudo guardadinho ali.” Ele foi e falou “Já que a senhora soltou o cavalo, eu vou montar é na senhora.” E montou na mãe dele e começou com coisa que tava no cavalo a botar espora na mãe, e ela sangrando,

sangrando e ele montado na mãe. Foi indo ela não aguentou, ela falou pra ele assim: o que cê tá me fazendo, Deus vai pagar em dobro. Aí menina, daquele dia em diante ele não andou mais. Aí ele não andou, e ficava daqui pra lá na rua, andando, arrastando.

E esse moço que chamava Geraldo, que é filho da Inês, foi e levou ele lá pro Rio do Peixe, sabendo que ele era irmão por parte de mãe só né. Levou lá pro Rio do Peixe. E o meu sogro, o Migué Ramos, vivia indo pra lá porque ele comprava porco, comprava vaca. Foi ver se achava alguma coisa pra lá pra comprar. E o João do Assoalho lá puseram esse apelido nele. Aí viu ele numa casinha lá e olhou, olhou, olhou, custou pra conhecer. Falou “Mas meu Deus, como é que esse moço veio parar aqui?” E era um moço tão bonito.” Chegou e perguntou “Cê é o João mesmo, filho da Inês? Mas que estado que você está!” E entrou, menina. Ele tinha bicho de porco por assim tudo, nas perna dele, nos pé, cheio de bicho, aquelas moranga. Aí ele perguntou pro Geraldo “Geraldo, eu posso pegar o João levar ele pra Campestre? Eu levo ele lá perto de casa, lá.” Era ali, perto da minha sogra dona Batista. Migué Ramos trouxe ele, pôs ali em numa casinha. E ali foi tratando dele, tratando, tratando. Levava comida todo dia. Até meus filhos eram pequenos naquela época, ajudava a levar comida. Aí nunca mais ele andou. Foi praga que a mãe dele deu nele. Essa é uma história terrível, mas foi fato acontecido. Então o apelido dele é João do Assoalho.” (Transcrição de parte da entrevista de Jeovah Ester de Paiva, 98 anos, 2018, Campestre – MG)

Nessa história, podemos perceber uma marca forte na cultura campestre, que é o temor pelo “efeito de causa e consequência” como uma espécie de justiça divina inescapável. Algumas superstições presentes nos costumes, inclusive, não fazem muito sentido aparentemente, como, por exemplo, não poder olhar o reflexo no espelho depois de comer feijão ou o hábito de tapar os espelhos quando está trovejando, não apontar estrelas com o dedo porque pode sair uma verruga ou não “andar de ré” porque senão a mãe morre. No entanto, a história de João do Assoalho se mantém viva e é passada de geração a geração justamente por conter uma razão moral. Essa crença tem suas raízes impregnadas em princípios cristãos, uma vez que se acredita que há uma punição para todo mal que é realizado em vida. A questão da “praga” que é rogada é algo em que a maior parte da população mais antiga da cidade acredita e que repassa aos filhos e netos.

Algumas expressões idiomáticas, típicas do campo e difíceis para pessoas de outras regiões entenderem, também podem ser notadas ao longo da história cidade, como o uso do nome “moranga”, que é o resultado da inflamação que o “bicho de porco” causa na pele, que acaba se tornando “moranga de porco”, por conter um pequeno ponto preto em sua superfície.

b. O corpo seco

“Tem uma história aqui, de uma moça. Ela namorava com um senhor aí, muito importante. E que ninguém sabia, era uma coisa oculta mesmo, sabe. Aí o que aconteceu, ele largou dela, porque a mulher dele tava meio desconfiada. Aí ele foi, largou e ficou. Quando ele largou dela, ela suicidou. Suicidou. Então muita gente falava que de vez em quando via ela, aquela coisa branca andando ali atrás da igreja ali em cima, da igreja Aparecida, via aquele vulto andando. Mas nunca ninguém chegou perto, mas falavam que viam. Aí apareceu aqui em Campestre um Juiz de Direito, chamava Juiz Doutor Luis de Luna Carneiro. Morava num bangalô lá embaixo. Aí tinha um filho, aí o filho dele fez 18 anos, mas aqueles moço assim quieto, não saía, não namorava, nada. A dona Neusa, mulher do juiz falava “meu Deus, o que nós vamos fazer com esse menino? Tem que dar um jeito de arranjar uma namorada, qualquer coisa.” Aí falou pra ele:

- Escuta, você não quer ir lá na casa das muié lá em cima?

- “Ques muié, mãe?

- As muié lá em cima que gosta de homi.

- Eu posso ir? Mas o que eu levo, mãe?

- Leva uma caixa de pó de arroz. Elas vão gostar de você levar uma caixa de pó de arroz.

A dona Neusa, muito danada, ela comprou uma caixa de pó de arroz. O pó de arroz chama Cotty. Comprou e falou:

- Olha aqui, agora você vai lá, você arruma uma porção de namorada lá. Você leva essa caixa de pó de arroz Cotty que você vai ver como elas vão gostar.

Ele veio, mas quando ele chegou num posto, perto da igreja ali, ele viu aquela mulher de branco encostada no poste. Como ele era meio tãntan né, não era muito certo, ele contava e todo mundo acreditava, sabe, que ele viu aquela mulher toda vestida de branco. Contou como é que a mulher era. Quer dizer que era um corpo seco, uma mulher que tinha morrido né. E pegou a caixa de pó de arroz dele assim, aí quando ele deu a caixa de pó de arroz pra ela, ela sumiu. Ele vortou correndo, chegou lá e contou isso pro pai dele, o juiz, e contou pra mãe que tinha visto isso. Ela perguntou da caixa de pó de arroz, ele contou que essa muié tinha pego e que na hora que ela pegou a caixa de pó de arroz, ela sumiu. Então, tem hora que a gente acredita nisso, no corpo seco né. Mas não sei se é verdade. Mas que eles contavam, contavam.” (Transcrição de parte da entrevista de Jeovah Ester de Paiva, 98 anos, 2018, Campestre – MG)

O “corpo seco”, ou história de morto-vivo, é uma das mais comuns na região do Sul de Minas. Essas histórias são comumente lendas de controle, que, como já dissemos, têm funções sociais específicas. No caso da história em questão, parece que há um fundo moral adicional. Há histórias semelhantes já registradas pelo Projeto do Dicionário Sul-Mineiro em

Luminárias, Areado, Machado, Alfenas, Paraguaçu, Elói Mendes, Campos Gerais e Campo do Meio, mas sabemos que elas ocorrem praticamente em todas as cidades da região. As variações são pequenas e se concentram, quase sempre, no local que a “alma penada” frequenta e na *causa mortis* (algumas delas com fundo moral - injustiça, traição, vingança, amor incontido etc.).

Um registro que merece atenção é o da antiga marca de cosméticos Cotty, que aparece, por exemplo, até em músicas populares brasileiras de 40 ou 50 anos atrás (por exemplo, “Miss Sueter”, cantada por Ângela Maria e Cauby Peixoto), que era uma espécie de “luxo dos pobres” em sua época, por ser uma marca afamada, mas não de grande custo. O fato de a mãe do rapaz comprar um “pó de arroz Cotty” para que ele ofertasse às prostitutas assume tons de verdadeira literatura oral e dá à história um tipo de requinte detalhista que não tem mais vez hoje em dia e que sequer é compreendido pelas gerações atuais que nem usam mais pó de arroz e que não conheceram a Cotty. Essa é uma ocorrência muito interessante do valor do conhecimento cultural para a compreensão dos registros orais tradicionais e de seu valor estético.

c. A Serra do Bicho

“Essa de Campestre é muito antiga. Já ouviu falar na Serra do Bicho? Então, meu avô chamava Cantalício. O Cantalício era Melo. Por parte da minha mãe, eu sou Melo. Então, Cantalício de Melo tava lá. Ele plantava café, e em roda assim ele plantou tudo bananeira. Naquela época não fazia cerca, era valo. Fazia aqueles valão fundo pra repartir uma fazenda da outra e no meio dos valos plantava bananeira. E meu avô fez isso, o valo encheu de bananeira. Ele ia lá roça ver as coisas, olhava lá e tinha um cacho maduro. De vez que ele panhava, deixava ali no meio e falava “daqui uns dia eu volto e tá maduro”. Quando ele voltava ali o cacho de banana tinha sumido. Passava outro dia e a mesma. Punha outro cacho, voltava e nada. Sumia as banana madura tudo. E falou “mas o que que ta acontecendo aqui?”. Aí um dia ele andando a cavalo, ele viu um homem passando lá embaixo. Aquele coisa preto passando, ele gritou “uhhhh”, lá embaixo o bicho falou “uhhhh”. Aí ele pensou “mas o que será que é isso, ta parecendo macaco, parecendo gente, o que será que é aquilo?”. Aí ele foi andando, andando. Lá na pedra do bicho tinha essa pedra, até hoje tem. Trepou em cima da pedra, tava aquele tanto de cacho de banana. As bananas que meu avô deixava. Ele comia banana. Aí meu avô falou “pera aí, eu vou ver o que é isso”. Resolveu a mandar fazer bastante comida, levava comida e punha em cima da pedra e aquela pedra, chegava lá em cima, subia, e a comida tinha sumido. Ficava só a vasia. Ele viu que aquilo tava comendo a comida. Falou “Uai, mas o que será isso que ta comendo a comida?”. De repente, passados uns seis, sete mês aquilo sumiu. Ele levava comida e chegava lá tava do mesmo jeito. E falou “Uai, quem comia essa comida ou morreu ou sumiu”.

Ali aonde é a praça de esportes era o pasto do Jacó, era um turco que tinha aqui no Campestre. Hoje ele tem um genro ali, seu Jorge mora ali até hoje. Aí as mulher foram lavar roupa lá. Lá tinha uma mina que tem até hoje na praça de esportes, mas era mato ali. Mas por causa dessa mina, muita gente ia lavar roupa lá. Quando foram lavar roupa lá, viram aquele bicho, que era o que tinha sumido da Serra do Bicho, lá nas terras do meu avô. Elas correram tudo e contaram pra uma turma de homem “Olha, nós vimos um bicho assim, assim. Mas a gente não sabe se é homem, se é macaco. Só sei de uma coisa: é peludo. Os homens pegaram e rodearam o mato que tinha lá na praça de esportes, rodearam. Quando eles viram mexer lá no mato, viram que era o bicho. Foram dando bordoadas, bordoadas e mataram o homem. Era um homem, mas um homem peludo, feito um macaco. Aí um falou “Nossa, que coisa esquisita isso aqui. Vamos ver a cara dele que jeito que é, se é homem ou se é macaco.”. Quando ele fez assim com o pau, que tirou o cabelo eles viram, ele tinha um olho só na testa.

Essa é verdadeira certeza, porque qualquer pessoa antiga do Campestre sabe desse bicho da Serra do Bicho. Por isso que chama a Serra do Bicho.” (Transcrição de parte da entrevista de Jeovah Ester de Paiva, 98 anos, 2018, Campestre – MG)

A Serra do Bicho é um local conhecido na cidade pelos jovens e, inclusive, é comum a realização de trilhas no local. No entanto, poucos sabem o porquê de ser chamada “Serra do Bicho”. Essa lenda causa um efeito de medo nos moradores mais antigos, pois cresceram ouvindo essa história. Esse tipo de lenda, que faz referência à aparição de criaturas bizarras é comum em algumas regiões do país. Na Amazônia, por exemplo, existe uma lenda semelhante, que causa medo nos índios e na população ribeirinha. A lenda conta a história do mapinguari. Segundo o site “No Amazonas é assim”, o mapinguari é um gigante peludo que vive na mata, possui apenas um olho e sua boca se localiza no umbigo. Essa criatura emite um som semelhante ao emitido pelos caçadores. Há alguns estudos que indicam que o Mapinguari pode ser, na verdade, uma preguiça gigante, que é uma criatura pré-histórica supostamente extinta. Existem algumas evidências físicas quanto à existência do Mapinguari, como a aparição de supostos filhotes de Mapinguari, que os cientistas disseram ser filhotes de gatos deformados.

É interessante notar que a história do bicho da serra tece uma relação descritiva com a história do mapinguari: o bicho peludo, enorme, de um olho só no alto da testa e de hábitos furtivos. Poderíamos falar em uma intertextualidade entre tradições orais? Certamente que sim, o que é reconhecido largamente pelo fato de muitas lendas brasileiras ocuparem todo o território nacional (Saci Pererê, Pai/Velho da Mata, Mula sem Cabeça, Loira do Banheiro etc.), cada uma em seu formato próprio em cada região. Assim, mesmo que, no caso do Bicho da Serra, em Campestre, não haja evidências físicas, apenas relatos orais de pessoas que

afirmam ter visto e ouvido o bicho e o descrevem com grande riqueza de detalhes, certamente estamos falando de uma mesma lenda sobre uma mesma “criatura”, contada de forma diferente em cada região e exercendo seu poder místico sobre os habitantes, mesmo que não saibam sua origem e não possam atestar sua veracidade histórica.

4.10 EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

Ferrarezi Jr (2007, p. 2) afirma que a expressão idiomática é um tipo de construção que decorre da construção cultural que uma comunidade de falantes faz com e em uma língua. De acordo com Dubois et alii (apud Ferrarezi Jr, p. 2), "Expressão idiomática é qualquer forma gramatical cujo sentido não pode ser deduzido de sua estrutura em morfemas e que não entra na constituição de uma forma mais ampla."

As expressões a seguir integram parte da pesquisa realizada para a construção do Dicionário Sul Mineiro de Expressões Idiomáticas. Assim, algumas expressões foram selecionadas para o presente trabalho, com o intuito de demonstrar, por meio delas, o modo como os aspectos históricos e culturais da cidade podem influenciar os aspectos linguísticos, uma vez que estão interligados. As expressões que selecionamos para esta monografia são:

- a. *À riviria (dado oral, 2017)*
- b. *Camaradas (dado oral, 2017)*
- c. *Capão (Lago, 2017)*
- d. *De primeira (dado oral, 2017)*
- e. *Fiúza (dado oral, 2017)*
- f. *Pagar a língua (dado oral, 2017)*
- g. *Puxar a paia (dado oral, 2017)*

No quadro abaixo, segundo a metodologia de pesquisa adotada pela SCC, aparecem a expressão, o contexto linguístico em que ela ocorreu, informações do evento em que ela ocorreu e o sentido aproximado para essa ocorrência, todas as expressões idiomáticas encontradas estão em anexo (ANEXO I):

Quadro 1: Retirado do Relatório Final da autora em sua iniciação científica junto ao projeto “Dicionário Sul-Mineiro de Expressões Idiomáticas”.

ID	Expressão	Contexto de ocorrência	Informações do evento de ocorrência	Sentido aproximado da ocorrência
41: IV (4) - Camp	À ríviria	Tem jabuticaba à ríviria no pé.	Visita a uma roça com pessoas conversando.	Em muita quantidade.
59: VII (7) - Camp	Camaradas	“Morava eu, meus irmãos e os camaradas na fazenda”	Conversa sobre a época de sua juventude na fazenda.	Homens que trabalhavam para os fazendeiros, normalmente moravam nas fazendas.
20: I (1) - Camp	Capão	“Jair havia comprado um bode para reprodução, mas o bicho era capão!”	Relato de quando ficou em uma pensão em São Francisco.	Quer dizer estéril, que não reproduz.
34: II (2) - Camp	De primeira	“De primeira as moças saíam de casa sozinhas.”	Conversa sobre os tempos de juventude.	Antigamente.
45: IV (4) - Camp	Fiúza	“Não fica na fiúza do despertador, senão você vai perder a hora.”	Conversa sobre existir a possibilidade do despertador não funcionar.	Intenção, expectativa.
46: IV (4) - Camp	Pagar a língua	“Ele falava tanto do filho de vocês que acabou pagando a língua com o dele.”	Conversa sobre o filho do sobrinho ser muito teimoso.	Sofrer as consequências de algo que se disse, sendo a consequência o mesmo que se disse.
36: III (3) - Camp	Puxar a paia	“Minha vontade é ir lá pra cama e puxar a paia.”	Conversa cotidiana sobre cansaço.	Tirar um cochilo, dormir.

Essas expressões refletem a vida campestre e a carga cultural que um nome pode expressar no ambiente em que é construído. Podemos notar como a vida rural e os costumes influenciaram na construção de sentido dessas expressões. São expressões muito recorrentes no dia-a-dia dos campestres, especialmente dos mais velhos. Podemos notar um motivo cultural que é nítido na expressão “puxar a paia”, que tem o mesmo sentido de “dormir”. Esse sentido ocorre por conta de que, antigamente os colchões eram feitos de palha de milho e,

antes de dormir era necessário puxar as palhas para espalhá-las e “amaciar” o colchão. Segundo Lago (2017), que conta que os colchões eram feitos de palha. As palhas do milho eram rasgadas em pedaços e colocadas em grandes envelopes do tamanho da cama com uma abertura no meio. Enchiam o envelope até ficar bem cheio e, no outro dia, amanhecia amassadinho. Depois, para que voltasse ao tamanho normal era necessário que as palhas fossem mexidas. (p.19)

Já a expressão “camaradas”, que se refere aos trabalhadores das fazendas é mais comum na linguagem da população rural do município. Os “camaradas” em Campestre, são em grande parte trabalhadores que saem do norte do estado em busca de emprego nas lavouras de café da cidade. Esses trabalhadores costumam morar nas fazendas em que são empregados. E daí surge também a expressão “casa de camarada”, que são casas feitas especificamente para esses trabalhadores morarem enquanto trabalham nas lavouras.

Assim, essas e as demais expressões aqui exemplificadas demonstram que possuem em seus sentidos aspectos culturais fortemente ligados à vida rural e aos costumes de tempos mais antigos do município de Campestre.

CONCLUSÃO

O estudo dos aspectos linguísticos com base na cultura em que estes são constituídos se faz importante, visto que, em muitos casos, outras teorias não dariam conta de explicar algo que esteja diretamente ligado à cultura no que diz respeito a questões linguísticas. Justamente por conta disso, o trabalho foi embasado na SCC, que parte do princípio de que língua e cultura são indissociáveis. Essa relação se mostrou nítida no trabalho realizado, no qual foi investigada desde as raízes do que, mais tarde, se tornou um município que chegou a se tornar “república” por um breve período de tempo e algumas consequências dessa história complexa, das crenças e tradições orais na formação da toponímia, do léxico e de outros aspectos da linguagem local, inclusive, sobre o processo de silenciamento que se estabeleceu sobre alguns temas tabus na cidade.

De acordo com os resultados apresentados e, com base na SCC, chegamos à conclusão de que a cultura do município de Campestre exerce uma influência direta na linguagem dos campestrenses, além de influenciar comportamentos e visões de mundo. Todo o processo histórico da cidade acarretou em mudanças políticas, sociais, linguísticas, culturais e econômicas e tudo isso interfere, conseqüentemente, no comportamento dos cidadãos. Esse tipo de análise contribui para a preservação do patrimônio imaterial desse povo, além da valorização da cultura e linguagem como marcas de sua identidade.

Sendo assim, a influência que a cultura exerce na linguagem de uma comunidade é clara: para que a linguagem exerça seu pleno funcionamento, ela necessita de um aporte cultural que permita isso. E, no caso de Campestre, todo esse aporte cultural tem raízes desde a fundação da cidade e se estende ao passar dos anos pelos acontecimentos e pelo desenvolvimento do município, os quais constituíram o que chamamos hoje de “Campestre”, mas que poucos sabem como chegou a ser o que é. Em outras palavras, a identidade está lá e a linguagem revela isso, as histórias revelam isso, as crendices revelam isso. O que é mais essencial permanece, mesmo que não se saiba de onde essas coisas vêm, até que tudo seja perdido, suplantado pela modernidade, se não for devidamente registrado. Afinal, como magistralmente diz o escritor e humorista piauiense João Cláudio Moreno, “identidade é o que construímos quando ninguém nos dá nada e o que sobra quando nos tiram tudo”. O triste é que, muitas vezes, nos tiram até nossa identidade.

REFERÊNCIAS

MIMEO. “*A famosa Fazenda da Pedra Grande*”. Outras informações indisponíveis.

“*A República Livre da Fazenda da Pedra*”. Folha de São Paulo, 1999. Mimeo. Outras informações indisponíveis.

BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2007.

CARVALHO, A. *Língua e Identidade Cultural: O estudo da Toponímia local na escola*. Uberlândia, SP: Anais do SIELP. Volume 2, Número 1. EDUFU, 2012.

MIMEO. *Documento sobre o Coronel José Custódio Dias de Araújo*. Outras informações indisponíveis.

MIMEO, *Documento sobre os topônimos dos bairros rurais e cavernas de Campestre*. Outras informações indisponíveis.

FERRAREZI JR, C. *Introdução à Semântica de Contextos e Cenários: de la langue à la vie*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

FERRAREZI JR, C. *Metodologia de Pesquisa em Semântica de Contextos e Cenários*. Campinas, SP: Mercado de Letras (no prelo).

_____. *Metáfora e função de registro: A visão de mundo do falante e sua interferência nas línguas naturais*. Linha d'Água, n. 25 (1), p. 67-86, 2012.

_____. *Metáfora Para Quem? Um Estudo Intercultural Com Base Na Festa Itenez Do [ta'ran]*. Rev. FSA, Teresina, v. 12, n. 2, art. 10, p. 163-177, mar./abr. 2015.

_____. *Quando só se para andando: minúsculo estudo de expressões idiomáticas de Guajará-Mirim, RO*. Rondônia: CEPLA Workink Papers, Editora da UFRO, 2007.

FRANCO, Eneiva Gláucia de Souza. *Pedro José Muniz: história, genealogia e memórias/ Eneiva Gláucia de Souza Franco*. – Aparecida, SP: O Autor, 2001.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

MIMEO. “*Histórico*”. Outras informações indisponíveis.

LAGO, José Messias. *Feliz Oitenta*. Poços de Caldas, MG: O Jornalista Ltda. - Edições e publicações.

MIMEO. “*Nossa História: Coronel José Custódio, um herói campestre*”. Outras informações indisponíveis.

THEBANO, Hercules. “*Trabalho de História: a situação em Minas*”. Mimeo. Outras informações indisponíveis.

MIMEO. “*Trabalho de sociologia: o folclore em Campestre*”. Outras informações indisponíveis.

TRASK, R.L. *Dicionário de Linguagem e Linguística*. São Paulo, Contexto, 2004.

MIMEO. “*Ufologia*”. Outras informações indisponíveis.

A Lenda do Mapinguari. No Amazonas é Assim. 2013. Disponível em <<https://noamazonaseassim.com.br/a-lenda-do-mapinguari/>> Acesso em 05 de julho de 2018.

ANEXO I

Livro “Feliz oitenta”, de Messias José do Lago

Id	Dado	Contexto	Evento	Sentido
1: I (1) - Camp	Latrina	“[...] o penico para necessidades noturnas, que de manhã era esvaziado na latrina no fundo da horta.”	Descrição da casa em que viveu na infância.	Espécie de buraco no solo, coberto com um soalho de madeira que era usado como vaso sanitário com cerca de um metro de diâmetro e cinco de profundidade.
2: I (1) - Camp	Catres	“Nos quartos, catres com colchão de palha [...]”	Descrição da casa em que viveu na infância.	Grandes envelopes do tamanho da cama com uma abertura no meio.
3: I (1) - Camp	Girau	“Mais embaixo, um girau de madeira onde era colocada a bacia de banho, que também servia como tanque de lavar.”	Descrição da casa em que viveu na infância.	Espécie de mesa de madeira utilizada para diversos fins como tanque de lavar, escorredor de louças, apoiador, etc.
4: I (1) - Camp	Dicoada	“O sabão usado era o de cinzas, feito em casa com as muxibas (descartes das carnes do açougue) e	Explicação de como era confeccionado o sabão caseiro.	Líquido escuro utilizado na confecção de sabão caseiro.

		um líquido escuro chamado 'dicoada'."		
5: I (1) - Camp	Muxiba	"O sabão usado era o de cinzas, feito em casa com as muxibas [...]."	Explicação de como as roupas eram lavadas.	Descartes das carnes do açougue.
6: I (1) - Camp	Cará	"Na horta eu plantava de tudo com o tio Chiquinho: alface, repolho, batata, tomate, agrião, cará, taioba."	Descrição da horta que plantava em sua residência.	Legume parecido com inhame.
7: I (1) - Camp	Taioba	"Na horta eu plantava de tudo com o tio Chiquinho: alface, repolho, batata, tomate, agrião, cará, taioba."	Descrição da horta que plantava em sua residência.	Planta de folhas grandes e comestíveis.
8: I (1) - Camp	Bornal	"Enchíamos um bornal e íamos até o Jorge da Furquia, onde fazia a troca por canjiquinha [...]."	Explicação do que se fazia com o resto do milho que sobrava da pamonha.	Tipo de bolsa utilizada para guardar ou carregar objetos.
9: I (1) - Camp	Arupuca	"Usando os bambus do fundo da horta, eu fazia uma arupuca [...]."	Explicação do que ele fazia para caçar as aves para levar para sua mãe.	Pequena casinha em forma de pirâmide.

10: I (1) - Camp	Rodar arquinho	“Rodar arquinho era assim: era feita uma chave de arame com um cabo de sabugo de milho e a gente saía rodando arquinho pela cidade.”	Momento em que conta como brincavam antigamente.	Brincadeira em que se fazia uma chave de arame com um cabo de sabugo de milho.
11: I (1) - Camp	Papa vento	“O papa vento era uma hélice que girava com o vento.”	Momento em que conta como brincavam antigamente.	Hélice que girava com o vento utilizada como brinquedo.
12: I (1) - Camp	Pit-poc	“O pit-poc, feito com canudinho de bambu, dava tiro usando-se casca de laranja como munição.	Conta como brincavam antigamente.	Brinquedo feito com canudinho de bambu, usava- se casca de laranja como munição para atirar.
13: I (1) - Camp	Formão	“Aqueles curvinhas lá em cima eu fiz com formão.”	Momento em que o autor conta que seu pai fez todo o serviço de carpintaria na construção do cinema da cidade.	Ferramenta com uma lâmina afiada utilizada por carpinteiro.
14: I (1) - Camp	Torda	“Mais uma separação minha de minha família: a ida para o regimento, num dia chuvoso, um caminhão com uma torda de lona dirigido	Momento em que o autor conta como foi sua ida para o regimento.	Tipo de armação que se colocava no caminhão se cobria com lona.

		pelo Genário Nogueira.”		
15: I (1) - Camp	Coturno borzeguim	“Dentro de pouco tempo, recebemos o fardamento de rotina e de passeio, coturno borzeguim, capacete.”	Relato de como foi quando ele entrou para o regimento e o que recebeu.	Um tipo de sapato de soldado que era utilizado pelos militares na época.
16: I (1) - Camp	Casa de camarada	“Nesse período, ele já havia dividido sua fazenda e morava em uma pequena casa de camarada.”	Momento em que o autor conta sobre sua descendência e seus parentes que moravam em Divisa Nova.	Casa em que os empregados que trabalhavam nas roças moravam. Normalmente a casa de camarada é propriedade do patrão.
17: I (1) - Camp	Bombardino	“Um dia, minha irmã Lena chegou a minha casa com uma sacola de plástico e o bombardino dentro.”	Explicação de como se formou sua banda.	Instrumento musical de sopro com pistões. O mesmo que eufônio.
18: I (1) - Camp	Estar em vias	“Eu estava triste em me separar de minha família, mas ao mesmo tempo alegre por estar em vias de iniciar a construção de outras.”	Momento em que ele conta que se separou de sua família para casar.	O mesmo que “estar prestes a”.
19: I (1) - Camp	Muiezada	“Quando começou a descer aquela	O autor conta sobre quando a família de	Muitas mulheres. O mesmo que

		“muiezada” do Macionílio, sem nenhum homem, foi uma decepção para as moças de Campestre.”	Macionílio chegou na cidade de ônibus.	mulherada.
20: I (1) - Camp	Capão	“Jair havia comprado um bode para reprodução, mas o bicho era capão!”	Relato de quando ficou em uma pensão em São Francisco.	Quer dizer estéril, que não reproduz.
21: I (1) - Camp	Não estávamos vencendo	“Não estávamos vencendo as encomendas, e assim resolvemos transformar a brincadeira em uma fábrica.”	Momento em que conta sobre o crescimento da fábrica, em que havia muitas encomendas.	Tem o sentido de muita demanda e incessante. O mesmo que “não dar conta”
22: I (1) - Camp	Não tem grão	“Então D. Ana dizia: ‘Jair, o bode não tem grão’.”	Relato de quando ficou em uma pensão em São Francisco.	Quer dizer estéril, que não reproduz.
23: I (1) - Camp	Bão de prosa	“Um vizinho, o sr. Lazinho, ‘bão de prosa’, estava sempre junto de nós batendo papo.	Momento em que o autor conta como foi que o vizinho comprou uma vaca para comprar uma antena.	Pessoa que gosta de conversar e tem uma boa conversa.
24: I (1) - Camp	Vingar	“Meus avós perderam um filho logo que este nasceu, e quando veio meu pai, disseram: “Esse vai vingar, pois já	Momento em que o autor conta sobre sua descendência.	O mesmo que “dar certo” ou “dar frutos”.

		nasceu com dente.”		
25: I (1) - Camp	Casinha de força e luz	“Seguindo a rua, chego à casinha de força e luz.”	Descrição da praça da cidade e das casas e pessoas que moravam nela.	Imóvel alto de dois metros quadrados, onde havia o transformador que servia para toda a cidade.
26: I (1) - Camp	Amigado	“Morava ao lado e era amigado com Paulina, uma negra muito querida da comunidade, que não saía da janela.”	Descrição da família de um italiano.	Quer dizer que não são casados, mas moram juntos como se fossem.
27: I (1) - Camp	Danado	“Esse menino é danado pra desenhar.”	O autor conta como ajudou uma família pobre da qual fazia parte um rapaz que sempre lhe pedia emprego.	Quer dizer que é muito bom, que desenha muito bem.
28: I (1) - Camp	Finca	“Jogávamos biloca com bolinha de gude e finca – um brinquedo meio difícil de explicar...”	Conta como brincavam antigamente.	Brincadeira em que se fincava uma haste de ferro no chão e se riscava o chão, tentando fechar o adversário; quando errava, passava a vez.
29: I (1) - Camp	Bajulado	“Pedrinho era como se fosse um rei que deveria ser	Descrição de um morador que não teve filhos e tinha uma casa	O mesmo que elogiado, enaltecido, idolatrado.

		bajulado [...]”	impecável.	
--	--	-----------------	------------	--

Eurides Fernandes

Id	Dado	Contexto	Evento	Sentido
30: II (2) - Camp	Do modo do outro	“Eu falei pra ela não ir, que ela ia cair. Do modo do outro, foi dito e feito.”	Estava contando sobre o dia em que avisou a amiga que não era para usar um sapato, pois cairia e a amiga usou e caiu.	O mesmo que “como dizem”.
33:II (2) (4) - Camp	Mal lhe pergunte	“Mal lhe pergunte, por que você separou do seu marido?”	Estava contando de uma conversa que teve com sua antiga vizinha.	O mesmo que “desculpe a pergunta”. Diz-se quando a intenção é fazer uma pergunta indiscreta.
34: II (2) - Camp	De primeira	“De primeira as moças saíam de casa sozinhas.”	Conversa sobre os tempos de juventude.	Antigamente.
35: II (2) - Camp	Eis fala	“Eis fala que não é bão comer manga com leite né.”	Conversa sobre costumes e superstições. Ela contava que não comia manga com leite porque diziam que não fazia bem.	O mesmo que “eles falam”, no sentido de “dizem por aí.

Dárcio Honório

Id	Dado	Contexto	Evento	Sentido
36: III (3) -	Puxar a paia	“Minha	Conversa	Tirar um

Camp		vontade é ir lá pra cama e puxar a paia.”	cotidiana sobre cansaço.	cochilo, dormir.
37: III (3) - Camp	Picar a mula	“Acho que já ta na hora de picar a mula.”	Quando está na casa de alguém e anuncia que irá embora.	Ir embora.
38: III (3) - Camp	Lavar o milho	“A conversa está boa, mas vamos lavar o milho?”	Quando está na casa de alguém e anuncia que irá embora	Ir embora.
39: III (3)- Camp	Schmidt de pachola	“Nossa, essa cadeira aí ficou schmidt de pachola.”	Elogio a um serviço de montagem de cadeira realizado	Muito bom.
40: III (3)- Camp	Chapiscar a porcelana	“Agora vou no banheiro chapiscar a porcelana.”	Conversa informal cotidiana.	Fazer cocô.

Joana D’arc da Silva Honório

Id	Dado	Contexto	Evento	Sentido
41: IV (4) - Camp	À riviria	Tem jabuticaba à riviria no pé.	Visita a uma roça.	Em muita quantidade.
42: IV (4) - Camp	Remedar	“Aquele menina não para de me remedar!”	Contando sobre uma menina que ficava imitando tudo o que ela falava.	Imitar.
43: IV (4) - Camp	Tempo dos antigos	“No tempo dos antigos não tinha isso não.”	Conversa sobre os costumes de antigamente.	Antigamente.
44: IV (4) -	Até de óculos	“Lá tem rato	Se referindo ao bueiro que	Demasiado.

Camp		até de óculos.”	tem na rua.	
45: IV (4) - Camp	Fiúza	“Não fica na fiúza do despertador, senão você vai perder a hora.”	Conversa sobre existir a possibilidade do despertador não funcionar.	Intenção, expectativa.
46: IV (4) - Camp	Pagar a língua	“Ele falava tanto do filho de vocês que acabou pagando a língua com o dele.”	Conversa sobre o filho do sobrinho ser muito teimoso.	Sofrer as consequências de algo que se disse, sendo a consequência o mesmo que se disse.

Maury Pereira Gonçalves

Id	Dado	Contexto	Evento	Sentido
47: V (5) - Camp	Pegar o caminho da roça	“Vamos pegar o caminho da roça agora?”	Indo embora da casa de alguém ou de algum evento.	Ir embora para casa.
48: V (5) - Camp	Empurrar a véia	“Vou ali no banheiro empurrar a véia.”	Conversa informal cotidiana informando que vai ao banheiro e o que vai fazer.	Fazer cocô.
49: V (5) - Camp	Capaz que sim/ não	“Será que o Bruno vai jogar bola hoje? Capaz que sim.”	Conversa informal cotidiana sobre futebol.	Fazer cocô.

Rita Helena Gonçalves

Id	Dado	Contexto	Evento	Sentido
50: VI (6) - Camp	Por fora bela viola, por dentro pão	“Aquela é lá por fora é bela viola, por dentro pão	Se referindo a uma pessoa mal caráter.	Quer dizer que a pessoa tem uma bela aparência,

	bolorento	bolorento.”		mas não tem um bom caráter.
51: VI (6) - Camp	Carma, Betel!	“Eu já entendi o que você quis dizer. Carma, Betel!”	Em uma discussão, tentando explicar que já entendeu e que a pessoa deve se acalmar.	Não se estresse, se acalme. A expressão é usada tanto para se referir ao sexo feminino quanto para o sexo masculino.

Íris Pereira Franco:

ID	Dado	Contexto	Evento	Sentido
52: VII (7) - Camp	Boca da noite	“Aconteceu na boca da noite.”	Conversa informal sobre um acontecimento na fazenda.	Período entre a tarde e a noite, quando começa a escurecer.
53: VII (7)- Camp	Miudando	“O galo estava miudando o canto.”	Conversa informal sobre o cotidiano rural no passado.	Quer dizer que o canto do galo está diminuindo de volume, isso quer dizer que está amanhecendo.
54: VII (7) - Camp	Tiririca	“Ele ficou tiririca e disse que não queria mais.”	Conversa informal sobre uma situação que aconteceu com sua filha.	O mesmo que bravo, pessoa implicante.
55: VII (7)- Camp	Trem	“Ontem eu tava lavando os trem na pia, aí ele me ligou”	Conversa sobre uma ligação que ela recebeu no dia anterior.	Louça suja.
56: VII (7)- Camp	Gastura	“Trabalhei muito, aí me deu uma	Conversa sobre a época em que ela trabalhava como professora na	Cansaço, esgotamento.

		gastura.”	fazenda.	
57: VII (7)- Camp	Toné	“Depois disso colocava no toné.”	Explicação de como se produzia vinho.	Vasilha utilizada na fabricação de vinho.
58: VII (7)- Camp	Zagaio de gancho	“Tava mais velho que zagaio de gancho. Aí eu pintei ele e ficou assim.”	Referência a um ferro de passar roupas que hoje é usado como peça decorativa em sua casa.	Coisa antiga, muito velha. Foi informado também que “zagaio” é o espeto que o diabo carrega.
59: VII (7) - Camp	Camaradas	“Morava eu, meus irmãos e os camaradas na fazenda”	Conversa sobre a época de sua juventude na fazenda.	Homens que trabalhavam para os fazendeiros, normalmente moravam nas fazendas.
60: VII (7)- Camp	Mancebo	“Naquela época a gente usava o mancebo pra coar o café.”	Conversa informal sobre como as coisas eram feitas antigamente.	Peça utilizada para colocar o coador de café.
61: VII (7) - Camp	Carretão	“Os camaradas colocavam as toras no carretão.”	Conversa sobre como os serviços eram feitos na roça na época em que ela era moça.	Carro de boi de roda muito grande, utilizado para carregar cargas pesadas, como toras de madeira.

José Orlando Franco (Orlando):

Id	Dado	Contexto	Evento	Sentido
62: VIII (8) - Camp	Rato no paiol	“Estou com rato no paiol”	Conversa informal sobre a vida campestre.	Fome, vontade de comer.
63: VIII (8) - Camp	Gamelão	“Aí pegava o melado e depois colocava no gamelão.”	Explicação de como eram produzidas as rapaduras no engenho.	Recipiente onde se coloca o melado para bater e virar rapadura.

64: VIII (8) - Camp	Gurpião	“A gente usava um negócio que chama gurpião pra serrar pau. Aposto que você não conhece.”	Conversa sobre os utensílios e ferramentas antigas.	Ferramenta utilizada para serrar pau.
65: VIII (8) - Camp	Carda	“Pegava a carda e ia passando pra abrir a lã.”	Explicação de como se fabricava cobertores antigamente.	Instrumento utilizado na preparação de lã para fazer fio. Era usada para “abrir” a lã.
66: VIII (8)- Camp	Gangorra	“Aí tinha a gangorra, que virava o rolo de fumo.”	Explicação de como se produzia fumo.	Peça utilizada para virar o rolo de fumo.
67 VIII (8)- Camp	Gamela	“Você já viu uma gamela? A gente usava pra massar pão.”	Conversa sobre os utensílios e ferramentas antigas.	Tipo de recipiente utilizado como um prato pelos escravos. Era usado para sovar pão na fazenda.
68 VIII (8)- Camp	Vorteada	“O pau tinha uma boca vorteada.”	Explicação de como se produzia fumo.	Cheia de voltas.
69 VIII (8)- Camp	Raminhole	“Pra pegar o melado, a gente usava o raminhole.”	Explicação de como se produzia rapadura no engenho.	Espécie de concha utilizada para pegar o melado da rapadura.
70 VIII (8)- Camp	Manjolo	“Tinha um manjolo lá na roça também.”	Conversa sobre os utensílios e ferramentas antigas.	Usado para limpar arroz e café e para socar milho para fazer farinha. É tocado a água, parecido com um cocho.
71 VIII (8)- Camp	Bocamarte	“Pra fazer o fumo, usava o bocamarte. Ele tinha uma boca vorteada. (nesse momento ele fez um movimento de giro com a mão em volta	Explicação de como se produzia fumo.	Pau com uma boca “vorteada”, utilizado na confecção de fumo.

		do dedo)		
72 VIII (8)- Camp	Cócha	“A gente pegava a cócha e enrolava o fumo com ela.”	Explicação de como se produzia fumo.	Ferramenta utilizada para enrolar o fumo.